

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A MAGIA DA POESIA:

aprendizado da leitura e da escrita

Cristiane Lumertz Klein Domingues

Dr. Vera Teixeira de Aguiar

Orientadora

Porto Alegre

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A MAGIA DA POESIA:
aprendizado da leitura e da escrita**

Cristiane Lumertz Klein Domingues

Dr. Vera Teixeira de Aguiar

Orientadora

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A MAGIA DA POESIA:
aprendizado da leitura e da escrita**

Cristiane Lumertz Klein Domingues

Dr. Vera Teixeira de Aguiar

Orientadora

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Letras, na área de concentração de Teoria da Literatura

Data da defesa:

11 de janeiro de 2008

Instituição depositária:

Biblioteca Central Irmão José Otão

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, janeiro de 2008.

CRISTIANE LUMERTZ KLEIN DOMINGUES

A MAGIA DA POESIA:
aprendizado da leitura e da escrita

Dissertação apresentada como requisito
para obtenção do grau de Mestre,
pelo
Programa de Pós-Graduação em
Letras
da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul.

Aprovada em.....de.....

BANCA EXAMINADORA:

**Ao professor Ir. Elvo, meu querido orientador,
que idealizou junto comigo todo trabalho
de dissertação e não pôde ver o resultado final.**

Ao meu marido Éverton, por estar ao meu lado, apoiando-me e incentivando-me, minha eterna e sincera gratidão; aos meus filhos, Leonardo e Gabriela, que entenderam a minha ausência e foram fontes de força e inspiração.

Agradeço

ao professor Ir. Elvo Clemente, que tanto me honrou por aceitar o convite como orientador, pela dedicação, pela confiança e pela competência que facilitaram essa caminhada;

e agora, por assumir a orientação, quero agradecer à professora Vera Teixeira de Aguiar por aceitar terminar essa caminhada junto comigo;

à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pela acolhida; aos professores, sempre tão dedicados; aos colegas, pela amizade; aos parceiros do CLIC, pelas aprendizagens e aos funcionários, pelo empenho para que tudo funcionasse muito bem;

à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior CAPES, pela bolsa concedida, sem a qual esse trabalho não seria possível;

às crianças do CLIC, pelo empenho durante as oficinas;

aos meus pais, Adalberto e Rosa, grandes mestres da universidade da vida;

ao meu marido e filhos, pela paciência de saber ouvir e compreender as situações e as alegrias, compartilhando e incentivando-me sempre;

e aos demais parentes sempre presentes durante a caminhada, irmãos, sobrinhos, afilhados, cunhados, sogros, tios e, aos amigos, por sempre terem acreditado em mim.

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

A dissertação relata uma experiência pedagógica realizada com alunos de 8 a 12 anos da Escola Estadual Coelho Neto, na Vila Nossa Senhora de Fátima, onde a PUCRS tem seu Centro de Extensão Universitária Vila Fátima. A atividade pedagógica consistiu na interação das crianças com os poemas infantis de Mário Quintana, sob a orientação do CLIC, grupo de pesquisa sobre leitura e literatura infantil. A primeira parte do trabalho é constituída pelo referencial teórico, no qual é possível encontrar conhecimentos sobre o poder da imaginação no ato de ler e escrever; a segunda salienta a força da poesia de Mário Quintana, bem como sua obra e biografia; e a terceira parte, por fim, apresenta o relatório das oficinas e a descrição da metodologia utilizada. Os resultados alcançados comprovam que o convívio com poemas aprimora a leitura, a escrita, a oralidade e a formação do hábito de ler.

Palavras-chave: poema, imaginação, leitura, escrita, oralidade e hábito de ler.

RESUMEN

El ensayo relata una experiencia pedagógica realizada con alumnos de 8 a 12 años, de la Escuela Estatal Coelho Neto, en la Villa Nossa Senhora de Fátima, donde la PUCRS tiene su Centro de Extensão Universitária Vila Fátima. La actividad pedagógica consistió en la interacción del niño con los poemas infantiles de Mário Quintana, bajo de orientación del CLIC, grupo de pesquisa em la lectura y literatura infantil. La primera parte está basada por hacer referencia a la teoría, donde es posible encontrar conocimiento sobre el poder de la imaginación en el acto de leer; la segunda, enfatiza la fuerza de la poesía de Mário Quintana, bien como su obra y biografía; y, por fin, el informe de los talleres y la descripción de la práctica utilizada. Los resultados alcanzados permiten la constatación de que la convivencia con poema aprimora la lectura, el redactar, lo verbal y la formación de hábito de leer.

Palabras-clave: poema, imaginación, lectura, redactar, oralidad y hábito de leer.

SUMÁRIO

RESUMO	9
RESUMEN	10
INTRODUÇÃO	13
1 A IMAGINAÇÃO COMO FORÇA CRIADORA	16
1.1 Imaginação na perspectiva de Maria Alberta Menéres	17
1.2 Imaginação e linguagem	21
2 OS POEMAS PARA INFÂNCIA	32
2.1 Dados biográficos de Mário Quintana	33
2.2 Publicações do poeta	34
2.3 Poemas para infância	38
3 A MAGIA QUE ENCANTA AS CRIANÇAS	44
3.1 Histórico do Centro de Literatura Interativa da Comunidade-CLIC	45
3.2 Relatório das oficinas	50
3.3 Passos de uma oficina	63
CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICES	74
APÊNDICE 1:	75
Roteiro do planejamento	75
APÊNDICE 2:	77
Planejamentos com poemas realizados para as crianças	77

ANEXOS	99
ANEXO 1:	100
Poemas escritos pelas crianças do CLIC	100
ANEXO 2:	111
Entrevistas	111
ANEXO 3:	116
Fotos	116
CURRICULUM VITAE	120

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de uma atividade pedagógica aplicada no 2º semestre do ano de 2006, na Vila Nossa Senhora de Fátima, no Centro de Extensão Universitária Vila Fátima, em oficinas de leitura de poemas, com um grupo de 15 crianças entre 8 e 12 anos da Escola Estadual Coelho Neto. Das 15 crianças, 7 estão na 4ª série, 5 estão na 3ª série e 3 estão na 1ª série do ensino fundamental. Todas as crianças são ou já foram repetentes e apresentam sérias dificuldades na escrita e na leitura.

O grupo de crianças mencionado vive numa miséria cultural, de alimentação, de moradia e de vestuário; moram em pequenas casas que não comportam as famílias, muitas vezes numerosas. Os filhos não são todos do mesmo casal e a maioria das famílias não possui a figura do pai no convívio familiar: são os filhos mais velhos que criam os irmãos mais novos, para que o responsável da casa possa trabalhar. Mesmo com todas as dificuldades que as crianças enfrentam para sobreviver, elas freqüentaram as oficinas de forma comprometida e entusiasmada.

A base teórica do trabalho para as oficinas é a imaginação como força criadora do aprendizado da leitura e da escrita. A metodologia utiliza-se do trabalho com os poemas de Mário Quintana, seguindo as orientações do livro de

Maria Alberta Menéres *O poeta faz-se aos 10 anos*¹ registradas na Escola Preparatória Pedro de Santarém, Benfca, Lisboa. O planejamento das oficinas segue a organização do trabalho de Maria Alberta Menéres, que tinha a mesma ordem idealizada pela pesquisadora (motivação, conversa e produção escrita). Somente o enfoque na motivação foi diferente porque a pesquisadora utiliza os poemas de Mário Quintana.

O objetivo do trabalho de pesquisa de campo na dissertação é o de despertar no indivíduo o gosto pelo poema através do desenvolvimento da imaginação, demonstrando que o contato da criança com o gênero poético aprimora a leitura, incentiva a escrita e melhora a oralidade. Como consequência do trabalho realizado nas oficinas é criada uma metodologia que pode sugerir um caminho ao professor que deseja utilizar o gênero poético na escola.

Os resultados alcançados ao final da pesquisa realizada durante as oficinas são obtidos através de uma conversa informal com as professoras das crianças sobre o desenvolvimento da aprendizagem, do registro dos poemas recolhidos e das respostas orais dadas pelas crianças e coletadas pela monitora.

Após todo o trabalho realizado é estruturado na dissertação em três capítulos, sendo o primeiro intitulado “A imaginação como força criadora”, referente aos pressupostos teóricos que servem de base para a proposta metodológica sugerida. Esse capítulo subdivide-se em duas partes que mostram a imaginação como meio pelo qual a criança exercita seu poder de criação. Inicialmente, aborda-se questões referentes à imaginação, mostrando o quanto ela

¹ MENÉRES, Maria Alberta. *O poeta faz-se aos 10 anos*. Lisboa: Plátano, 1977.

estimula a aprendizagem da leitura e da escrita, bem como o desenvolvimento do hábito da leitura. Em seguida, aborda-se a ligação do ato de imaginar com a língua, analisando-o através das palavras, por ambos possuírem elementos ambíguos.

O segundo capítulo, “ Os poemas para infância”, salienta a obra e os dados biográficos de Mário Quintana. São descritas brevemente as obras do autor para o público infantil, com a intenção de dar uma idéia geral delas para o leitor do trabalho. Pretende-se, com essas informações, salientar a força da poesia do autor, inserida no contexto em que ele viveu.

Finalmente, o terceiro capítulo, “A magia que encanta as crianças”, registra a metodologia e as produções escritas das crianças nas oficinas, sendo dividido em três partes. Na primeira, é traçado o histórico do CLIC; na segunda, é apresentado o relatório das oficinas, sintetizando o planejamento; para concluir, abordam-se os passos metodológicos utilizados no trabalho das oficinas.

O roteiro de planejamento e os planejamentos detalhados poderão ser consultados no apêndice; em anexo, encontram-se produções escritas pelos alunos, as entrevistas com as professoras da terceira e quarta série das crianças, que aceitaram conversar sobre o desenvolvimento dos seus alunos participantes das oficinas, e as fotos da experiência realizada.

CAPÍTULO 1

1 A IMAGINAÇÃO COMO FORÇA CRIADORA

Exegese

- Mas que quer dizer esse poema? – pergunta- me alarmada a boa senhora.
- E que quer dizer uma nuvem? Retruquei triunfante.
- Uma nuvem? – diz ela, - Uma nuvem umas vezes quer dizer chuva, das outras vezes bom tempo...

Mario Quintana

1.1 Imaginação na perspectiva de Maria Alberta Menéres

A educadora portuguesa Maria Alberta Rovisco Garcia Menéres de Melo e Castro (a quem neste trabalho denominaremos apenas Maria Alberta Menéres), nasceu em Vila Nova de Gaia em 1930 e lecionou em escolas públicas na cidade de Lisboa. Menéres licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas pela Universidade Clássica de Lisboa e tem dedicado grande parte de sua obra à literatura infantil e juvenil. A autora conceitua imaginação como sendo o meio pelo qual a criança exercita seu poder de criação, através da formação de imagens na mente. Quando os pequenos começam a exercitar a fantasia, ao serem estimulados pela obra literária, percebem o sentimento de infinito proporcionado por essas experiências, porque o ato de inventar nunca acaba. E, quando sujeita ao exercício contínuo da imaginação, a criança entende que as palavras possuem a capacidade de levá-la aonde jamais pensou chegar.

Descobrir o mundo é encontrar novos conhecimentos pelo exercício constante da imaginação. Essa capacidade é própria da infância, podendo ser percebida tanto no escrever quanto no ler. Dessa forma, acontece a leitura da realidade e da irrealidade, que estão dentro e fora do sujeito. Mesmo pequeno, o indivíduo já é capaz de ler: lê o cheiro, o jeito e o ritmo da mãe e do pai. Dessa

forma vai progredindo, de leitura em leitura, de imaginação em imaginação, buscando o conhecimento. Ante a imaginação, o escritor é como uma criança inquieta e atenta, à procura de qualquer simples maravilha para encantar-se e descobrir novos conhecimentos sobre si mesmo e o mundo que o rodeia.

Os pequenos possuem, por natureza, uma energia para imaginar e, em consequência, para criar. Biologicamente, a sua ânsia é de desenvolvimento e, por isso, estão voltados à construção de si mesmos. Assim sendo, gostam de se expressar pela voz, pelo gesto, pelo corpo e pelo pensamento. E, se motivados a ampliar sua forma de expressão, gostarão, também, de ler e de escrever, estando aptos a descobrirem a poesia. Para que a força criadora da criança seja estimulada, é preciso cuidado na forma de conversar e de responder às perguntas dela. Há palavras que podem estimular a imaginação e fazer com que o pensamento voe; outras podem interromper esse caminho e provocar o medo, a aflição e a angústia.

A inventividade humana não tem limites, tudo está sempre acontecendo ou por acontecer, pois no campo da imaginação não se pode usar o ponto final. Se o ponto final for utilizado, o impulso produtivo será pobre e a criatividade limitada. Para a criança experimentar a fantasia, ela não precisa procurar lugares transcendentais, nem temas complicados: basta aperfeiçoar a linguagem poética. “Poesia e imaginação são coisas que se exercitam e cultivam”². Dentro desse contexto, há a própria magia. Mais do que isso, há a idéia recuperada ou inventada, “porque no universo da imaginação há estranhos e ignorados caminhos

² MENÉRES, Maria Alberta. *Imaginação*. Lisboa: Difusão Cultural, 1993.P.35.

que levam a terras sonhadas e terras reais”³. Esse encantamento é importante, uma vez que mobiliza o imaginário infantil, desenvolvendo a força inventiva e ampliando o potencial criador.

Poesia, segundo Menéres (1977), é a beleza e o sentido das coisas e de nós próprios, uma maneira de olhar o mundo, uma forma de atenção a tudo. Ela pode estar em toda parte, embora nem sempre se pode percebê-la. Embora nem sempre se *possa* percebê-la, ela está em toda parte e há momentos em que é possível encontrá-la. Em todas as situações do mundo, é possível descobrir a poesia, porém, para vencer a barreira que, algumas vezes, ela impõe, é preciso compreender a força contida em cada palavra de um poema: “A Língua Portuguesa não é um corpo morto, nem um lago de água estagnada, é uma matéria viva que temos de trabalhar e de amar”⁴. Atrás de cada palavra se esconde um mundo; é preciso saber olhar ao redor, e não ter medo de entrar nesse universo. De tudo se pode falar. É pelo olhar que se pode descobrir, pela voz, dizer, e pela mão, escrever. As palavras não contêm somente o significado do dicionário, mas uma carga de sentidos mais explosiva e misteriosa do que se julga à primeira vista: “Uma palavra é um ser vivo. Ela pode ser tudo o que quisermos no contexto que escolhermos”⁵.

Já o poema, como diz Norma Goldstein (2001)⁶, tem uma unidade, com características próprias. O poeta, ao escrever, faz a seleção e combina palavras, muitas vezes a partir de um parentesco sonoro. Como resultado, o texto literário

³ Ibidem, P. 43.

⁴ Idem, *O poeta faz-se aos 10 anos*. Lisboa: Plátano, 1977, P.47.

⁵ Ibidem, P.62.

⁶ GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 2001. P.5

adquire certa tensão ou ambigüidade, produzindo mais de um sentido. Daí, a plurissignificação do texto literário.

O texto literário, segundo Norma Goldstein (2001), talvez seja o mais próximo do sentido etimológico “texto”: entrelaçamento, tecido. Como “tecido de palavras”, o poema pode ter muitos sentidos, dependendo da percepção feita a partir do entrelaçamento dos fios que o organizam. Ou melhor dizendo, ele permite muitas interpretações; dada a plurissignificação do poema, a soma das muitas interpretações seria o ideal.

No livro *O poeta faz-se aos 10 anos*, Maria Alberta Menéres descreve um episódio ocorrido com seu aluno José Manuel, salientando que o poder da imaginação estimula a escrita. Ela nos apresenta um belo exemplo:

No dia seguinte, entra na aula triunfante o José Manuel, com uma folha na mão; tinha-se imaginado nada mais nada menos do que a própria Estrada de Benfica! E logo em poesia! Aqui está como ele se sentiu:

UMA ESTRADA

Sou estrada
sou estrada
estou farta de ser pisada.
Passa um carro
passa outro
e logo me entorto.

E depois é que é um caso sério:
têm de me consertar
e têm muito que trabalhar

Passa um carro, passa outro
e não posso recusar.
tenho de agüentar.

Sou estrada
estrada sou,
estou farta do que sou!

E nunca mais parou de escrever. Começou a imaginar-se relógio, nuvem, sino... uma infinidade de coisas. A certa altura do ano, já não lhe foi mais necessário imaginar-se nada. Começou a ser ele próprio perante as coisas, perante os factos, perante as situações.

Começou a situar-se ele próprio como ser pensante e sensível, no lugar que era realmente o seu, com toda a sua ingenuidade, a sua inexperiência, é certo, mas toda a sua verdade e entusiasmo.

Ainda hoje escreve, por puro entusiasmo de escrever⁷.

1.2 Imaginação e linguagem

A palavra imaginação aparece no dicionário⁸ significando “faculdade que possui o espírito de representar imagens; capacidade de evocar imagens de objetos anteriormente percebidos; capacidade de formar imagens originais; faculdade de criar a partir da combinação de idéias; criatividade ou obra criada pela fantasia”.

A imaginação, segundo Clemente (1994)⁹, ocorre através das palavras que possuem elementos ambíguos. Esse é o destino mais certo da linguagem humana, pois ela é essencialmente simbólica: “O poeta é o criador da arte pelas palavras, pelo jogo das metáforas, das ambigüidades. O reino das palavras nos versos de Miguel Torga assim se caracteriza”¹⁰:

Passa um rei – é o poeta.
Não pela força de mandar
Mas pela graça mágica e secreta

⁷ Ibidem, p.15.

⁸ HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. P.1573.

⁹ CLEMENTE, Elvo. *Língua, cultura e literatura*. Porto Alegre: PUCRS, 1994.

¹⁰ Ibidem. P.12.

De imaginar... ¹¹

Ainda citando Clemente (1994), o ser humano pensa, medita e se comunica através da linguagem. Ela impregna as manifestações humanas, sendo inclusive a expressão necessária delas, pois todas podem se traduzir em palavras. É o ato da fala que acontece pela língua: “A palavra, a linguagem está presente no ser humano no mais recôndito do próprio eu”¹². Cecília Meireles mostra o quanto a palavra pode ser simbólica e repleta de sentido no momento desencadeado pela imaginação, no *Romanceiro da Inconfidência* no Romance LIII ou das Palavras aéreas:

Ai, palavras, ai, palavras
que estranha potência
Ai, palavras, ai, palavras
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma.
Sois de vento, ides no vento,
e quedais com sorte nova!¹³

Existe uma relação entre linguagem e pensamento, de acordo com Piaget (1978)¹⁴, pois pela primeira, que é a fonte do segundo, a criança é capaz de evocar situações. Ao lado da expressão lingüística, aparece o jogo simbólico ou de imaginação, ambos surgindo, mais ou menos ao mesmo tempo, desempenhando importante papel para o pensamento. A imagem mental é concebida como imitação interiorizada, concluindo-se que o pensamento precede a linguagem e

¹¹ TORGA, Miguel. *Antologia poética*. Lisboa: Coimbra, 1981.

¹² Ibidem, 1994, P.13

¹³ MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958. P.793.

¹⁴ PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1978. P.42

que esta se limita a transformá-lo, profundamente, ajudando-o a atingir o equilíbrio. Não é somente a linguagem a responsável pela construção das operações lógicas:

Ela é necessária, pois sem o sistema de expressão simbólica que constitui a linguagem, as operações permaneceriam no estado de ações sucessivas, sem jamais se integrar em sistemas simultâneos ou que contivessem, ao mesmo tempo, um conjunto de transformações solidárias. Por outro lado, sem a linguagem, as operações permaneceriam individuais e ignorariam, em consequência, esta regularização que resulta da troca interindividual e da cooperação. É neste sentido da condensação simbólica e da regularização social que a linguagem é indispensável à elaboração do pensamento. Entre a linguagem e o pensamento existe, assim, um ciclo genético, de tal modo que um dos dois termos se apóia, necessariamente em outro, em formação solidária e em perpétua ação recíproca. Mas ambos dependem, no final das contas, da inteligência, que é anterior à linguagem e independente dela¹⁵

Para Piaget (1978), o período da infância que vai de sete a doze anos, com o início da escolaridade, marca uma modificação decisiva no desenvolvimento mental. Em vários aspectos da vida psíquica, quer seja da inteligência ou do afetivo, das relações sociais ou individuais, aparecem formas de organização novas, inaugurando assim uma série de outras construções.

Como diz Piaget (1978), surge nessa fase a concentração individual e a criança torna-se capaz de cooperar, porque não confunde mais seu próprio ponto de vista com o dos outros. Isso é visível na linguagem entre as crianças: são possíveis discussões, pois nasce o respeito as opiniões alheias. As explicações entre crianças surgem no plano do pensamento e não só no da ação material. A

¹⁵ Ibidem. P. 92

linguagem egocêntrica desaparece, e os propósitos da criança são acompanhados pela necessidade de conexão entre as idéias e a justificação lógica.

A criança, depois dos sete anos, pensa antes de agir, conquistando, assim, a reflexão. A capacidade de refletir é uma conduta de discussão interior (como o pensamento que supõe uma linguagem interior). Para a inteligência, trata-se do início da construção lógica, que permite a coordenação dos pontos de vista entre si. O pensamento, durante a fase da infância, elabora explicações por identificação, que consistem na explicação da realidade pela própria razão, as operações do pensamento correspondem à intuição.

Anterior a fase da infância, segundo Maria da Glória Bordini (1986)¹⁶, nos primeiros tempos de vida da criança, o pequeno tem um primeiro contato com as cantigas de ninar, que estimulam a sua relação mágica com a poesia, desde bem cedo. Além do fato de a melodia proporcionar uma relação afetiva, sem saber, os pais estão levando a criança a desenvolver suas percepções auditivas e visuais, ativadas pela imaginação, e que, talvez, sejam o verdadeiro gatilho da sensibilidade posterior da criança para poesia.

Entendendo por cantigas de ninar, segundo afirma Veríssimo de Melo (1977)¹⁷, os acalantos ou canções de ninar, pequenos cantos que as mães ou amas pretas entoam para adormecer crianças ou consolar menino chorão. São geralmente quadrinhas ao som de uma mesma melodia langorosa.

Depois do período das cantigas de ninar, na fase que vai dos dois aos sete anos, denominada por Piaget (1978) “a primeira infância”, a criança exercita seu

¹⁶ BORDINI, Maria da Glória. Poesia infantil. São Paulo: Ática, 1986.

¹⁷ MELO, Verissimo de. *Folclore brasileiro*: R. G. do Norte. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1977. P. 53

potencial imaginativo, ao lançar mão de brincadeiras que salientam rimas com os nomes dos companheiros. Por exemplo, chamam seus colegas pelos nomes e rimam com outras palavras: *Gabriela, cravo e canela; Gabriel, cara de pastel; Eugênio, o gênio; Nicolau, que come mingau e etc*¹⁸. Também há os trava-línguas, que exploram a reduplicação de fonemas de difícil articulação, como: *O rato roeu a roupa do rei de Roma*. Além disso, as canções de roda acompanham exercícios corporais de crianças crescidas: *Ciranda, cirandinha vamos todos cirandar...*

As brincadeiras infantis mencionadas acima são de origem da literatura oral, porque foram transmitidas de forma oral, pela boca e pelo ouvido do povo. A literatura oral é transmitida através dos contos, fábulas, lendas, mitos, cantigas de roda, danças coletivas, adivinhas e folguedos populares; todas essas manifestações fazem parte da imaginação do povo.

Como afirma Veríssimo de Melo (1977), entre os folguedos infantis, as cantigas de roda, são talvez a manifestação mais completa do ponto de vista pedagógico. Ao brincar de roda a criança exercita a memória e o raciocínio, estimula o gosto pelo canto e desenvolve os músculos ao ritmo da dança ingênua. As artes da poesia, dança e música estão unidas nos brinquedos de roda.

As parlendas têm por finalidade ensinar alguma coisa às crianças, sejam nomes, números e etc. Já as adivinhas formam um conjunto de analogias e personificações, como meio para conhecer as coisas. Os provérbios são frases que representam a sabedoria do povo. A trava-língua é uma brincadeira com fonemas de difícil pronúncia, que devem ser ditos bem depressa.

¹⁸As citações em itálico nesse parágrafo fazem parte das lembranças de brincadeiras da infância da autora desta dissertação.

A criança introduzida no mundo dos versos através de cantigas de ninar, rodas cantadas, adivinhações, provérbios, parlendas, ao ler um poema percebe que pode brincar com a língua e ampliar o conhecimento, combinando termos, alterando ou decompondo um significado para salientar uma idéia. Incentivando a capacidade imaginativa, o estímulo tem a possibilidade de promover o desenvolvimento geral do indivíduo, bem como sua maturidade.

O potencial da poesia está em conter, na sua essência, uma riqueza de linguagem que, num primeiro momento, não se percebe, pois ela pode auxiliar a criança a admirar, imaginar, pensar, sentir e experimentar o mundo ludicamente. O gênero poético proporciona à criança o divertimento pelo jogo das palavras, que a leva ao mundo maravilhoso e ao real, possibilitando que, pela imaginação, o infante entenda melhor o mundo em que vive e desperte para os sons e para as mensagens que o texto transmite ao especular o mundo de forma artística.

A organização do poema pela linguagem cria um discurso com regras de efeito estético, em que o arranjo dos termos, versos e estrofes suscita sons, idéias e imagens que levam ao exercício da inventividade. Ao ter contato com o poema, a criança tem contato com objetos e eventos que estimulam a imaginação, a sensibilidade e a criatividade. Pelo lúdico, ela conhece o mundo, porque o representa numa linguagem metafórica, que estimula o imaginário. Ao brincar com as palavras, o sujeito encontra, através das emoções, espaço para a fantasia. Pelo jogo simbólico, favorece o seu desenvolvimento e avança num ritmo de maturação único. Ao se divertir, amplia seus conhecimentos, desvendando a vida,

efetivando a interação social e satisfazendo a necessidade de conhecer através, do ato de brincar, as palavras.

Para Piaget (1990)¹⁹, a dinâmica cognitiva tem no ato de brincar a possibilidade de ampliar conceitos e habilidades, integrando os pensamentos com as ações. E, por isso, ao ler os versos de um poema, a criança brinca com as palavras e compreende os elementos do mundo real através do plano representativo. A representação de imagens na mente é denominada por Piaget (1990) como função simbólica.

A função simbólica aparece cedo no ser humano (estágio pré-operacional, por volta dos 2 anos) e o acompanha durante toda a vida. Assim, é possível pensar em objetos, pessoas e acontecimentos, trazendo à mente as imagens que não precisam ser vistas. Essa função é responsável pela formação das representações, facilitando a aprendizagem, pelo jogo entre realidade e fantasia. É pelo lúdico que a criança desenvolve suas capacidades cognitivas, imitando, fingindo, entendendo como acontece o mundo em que ela vive durante o brincar. Dessa forma, ela compreende o real através da fantasia. O jogo simbólico envolve o participante numa atitude prazerosa, com função de diversão. Um ambiente estimulador, com pessoas empenhadas em promover a fantasia, facilita o progresso da inteligência, por meio do desenvolvimento da atividade criadora da criança.

Para Vigotsky (1982)²⁰, atividade criadora é toda a realização humana de algo novo, reflexo de algum objeto do mundo exterior, de determinadas construções

¹⁹ PIAGET, Jean. *Epistemologia genética*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. P.15

²⁰ VIGOTSKY, L. S. *La imaginación y el arte em la infancia*. Madrid: Akail, 1982.

do cérebro e de sentimentos que se manifestam no ser humano. A essência é que o homem reproduza normas de conduta criadas, elaboradas e ressuscite antigas impressões. O fundamento orgânico da atividade reprodutora é a propriedade de uma substância capaz de adaptar e conservar as trocas. O cérebro e os nervos modificam a estrutura pelas influências:

Acontece, pois, que nosso cérebro constitui o órgão que conserva experiências vividas e facilita a sua recuperação. Porém, se sua atividade se limitasse a conservar experiências anteriores, o homem seria um ser capaz de ajustar-se às condições estabelecidas pelo meio que o rodeia²¹.

A memória conserva experiências vividas e facilita sua reiteração quando necessário. Toda atividade humana não só reproduz o que conhece, mas cria novas imagens pelas vivências, que são acumuladas na memória. E a ação inventora do homem possui a capacidade de modificar situações. A psicologia chama a fantasia de atividade criadora do cérebro humano, baseada na combinação. A imaginação não se ajusta à realidade e não carece de valor prático:

A imaginação, como base de toda atividade criadora, se manifesta por igual em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica. Neste sentido, absolutamente tudo que nos rodeia e tenha sido criado pela mão do homem, todo o mundo e a natureza, tudo é produto da imaginação e da criação humana, baseado na imaginação²².

²¹ Ibidem, P.8. (tradução nossa.)

²² Ibidem, P.8, (tradução nossa)

As crianças não se limitam a recordar experiências já vividas, mas também reelaboram novas realidades, fantasiando as coisas como reflexo da sua atividade imaginativa. A atividade imaginativa pode se ligar com a realidade de diferentes formas: através de elementos tomados da realidade e extraídos de experiências anteriores, em que a fantasia se constrói sempre com materiais do mundo real; ou na dependência recíproca entre realidade e experiência, pela influência da emoção. Todos os pensamentos são determinados pelos sentimentos, experiências anteriores e pelo surgimento de algo novo:

Consiste sua essência em que a base erguida pela fantasia pode representar algo completamente novo, não existente na experiência do homem nem semelhante a nenhum outro objeto real; pois ao receber a forma nova, ao ter uma representação material nova, está imagem cristalizada. Convertida em objeto, começando a existir realmente no mundo e a influir sobre os demais objetos²³.

Segundo Ostrower (1989)²⁴, o ser humano elabora seu potencial criador pelo trabalho e até mesmo na arte, não existiria criatividade se o fazer artístico não fosse trabalho. O imaginar é um pensar específico sobre um fazer concreto, voltado para a sua materialidade, não podendo se ver o concreto como algo menos imaginativo ou talvez não-criativo. Ao contrário, o pensamento só poderá ser imaginativo se for concretizado por uma matéria, sem o qual seria um divagar sem rumo e finalidade e nunca chegaria a ser um imaginar criativo. Existe uma

²³ Ibidem, P.24, (tradução nossa).

²⁴ OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1989.

dificuldade de imaginar o imaginar, sendo difícil descrever o ato imaginativo. Pode-se apontar um único caminho possível para conhecer o processo de imaginação, que é o de entender melhor a materialidade no fazer, que vem acompanhado, assim, por analogias de estrutura:

É esta a dificuldade: imaginar o imaginar, imaginar as formas específicas em que se imagina. Lidamos com todo um sistema de signos que são referidos a uma matéria específica. As ordenações, físicas ou psíquicas, tornam-se simbólicas a partir de sua especificidade material. Não é possível traduzir nem parafrasear o processo imaginativo, porque transpor de uma matéria específica para outra desqualifica essa matéria e não qualifica a outra. O único caminho para nós, seria conhecer bem uma dada materialidade no próprio fazer²⁵.

Sintetizando as idéias sobre imaginação dos autores pesquisados, é possível perceber que Vygotsky, Piaget, Menéres e Ostrower convergem em um ponto: ao ler, surgem na mente imagens que ampliam o conhecimento. O ato de ler, precisa das palavras, que são simbólicas e repletas de significações. Pela leitura, é estimulado o pensamento, que proporciona o surgimento da imaginação. A imaginação é uma atividade criadora do cérebro humano, sendo tudo produto dela. O processo de imaginar pode acontecer a partir de experiências vividas anteriormente pelo indivíduo, que elabora novas realidades naquele momento, e tais experiências podem sofrer influência das emoções e dos sentimentos ao serem modificadas.

²⁵ Ibidem.. P.35.

Pelo estímulo através da poesia nas oficinas, os poemas para infância de Mário Quintana foram utilizados pela pesquisadora no planejamento durante a motivação, com o objetivo de despertar no indivíduo o gosto pelo poema através do desenvolvimento da imaginação, demonstrando que o contato da criança com o gênero poético aprimora a leitura, incentiva a escrita e melhora a oralidade.

CAPÍTULO 2

2 OS POEMAS PARA INFÂNCIA

Os poemas

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.
Quando fecha o livro, eles alçam vôo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhoso espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...

Mário Quintana

2.1 Dados biográficos de Mário Quintana

Mário de Miranda Quintana nasceu em 30 de julho de 1906, em Alegrete/ RS, quarto filho de Celso de Oliveira Quintana, farmacêutico, e de Virgínia Miranda Quintana, dona de casa. Aos 7 anos aprendeu a ler com seus pais através do *Correio do Povo*; estudou na Escola Primária do Professor Antônio Cabral Beirão, de 1915 a 1918. Foi matriculado no Colégio Militar de Porto Alegre, em regime de internato, no ano de 1919, onde ficou quatro anos, não concluindo o curso. Começou ali a produzir seus primeiros trabalhos, que publicados na revista *Hyloea*, órgão da Sociedade Cívica e Literária dos alunos do Colégio. Dedicou-se ao estudo do francês e do italiano, como autodidata.

Por motivos de saúde, deixou o Colégio e em 1924 empregou-se na Livraria do Globo, trabalhando com Mansueto Bernardi, na seção de literatura estrangeira. De 1929 a 1931 foi funcionário do jornal *Estado do Rio Grande*. No ano de 1934 começou a fazer traduções para a *Revista do Globo* de várias obras de diversos escritores estrangeiros: Fred Marsyat, Charles Morgan, Rosamond Lehman, Lin Yutang, Marcel Proust, François Marie Arouet (Voltaire), Virgínia Woolf, Giovanni Papini, Henry René Albert Guy de Maupassant, dentre outros.

Mais tarde foi contratado pelo *Correio do Povo*, onde ficava no período da tarde escrevendo versos e atendendo as pessoas.

Em 1940, publicou o livro de sonetos *A rua dos cataventos*. A partir de 1953, tornou-se redator do *Correio do Povo*, de Porto Alegre, escrevendo na seção *Do caderno H* até 1980.

No ano de 1967, recebeu o título de Cidadão Honorário de Porto Alegre, conferido pela Câmara de Vereadores. Mário Quintana foi muito premiado, tendo recebido em 1976 a medalha “Negrinho do Pastoreio” do governo do Estado do Rio Grande do Sul, quando completou 70 anos. O título Doutor Honoris Causa foi concedido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1982, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em 1986, pela Universidade de Campinas (UNICAMP) em 1989. Foi eleito Príncipe dos Poetas Brasileiros nesse mesmo ano.

Em 1993, seu texto *Lili inventa o mundo* recebeu montagens para o teatro infantil e treze de seus poemas foram musicados.

O poeta faleceu, em Porto Alegre, no dia 5 de maio de 1994, próximo de seus 87 anos.

2.2 Publicações do poeta

Mário Quintana manifestou-se como poeta em 1940, ao publicar *A rua dos cataventos*. A publicação do autor reúne 15 livros de poesia publicados em vida, não sendo registradas aqui as quatorze antologias. Eis os livros:

A rua dos cataventos (1940), Canções (1946), Sapato florido (1948), O aprendiz de feiticeiro (1950), Espelho mágico (1951), Caderno H (1973), Apontamentos de história sobrenatural (1976), A vaca e o hipogrifo (1977), Esconderijos do tempo (1980), Baú de espanto (1986), Da preguiça como método de trabalho (1987), Preparativos de viagem (1987), Porta giratória (1988), A cor do invisível (1989), Velório sem defunto (1990)) e o livro póstumo Água²⁶.

Mário Quintana criou a ficção para o público da sua região de nascença quando representou o imaginário social gaúcho. Em Quintana, a ficção preserva a idéia de que o menino que está em cada ser humano, nunca morre dentro de nós, como, de fato, não morreu no autor de *A rua dos cataventos*. Quintana foi um gaúcho nascido na fronteira e, se sua produção lírica for examinada, é possível perceber traços como a simplicidade, autenticidade, cristalinidade da sua arte, consciência poética, delicadeza que pertencem à psicologia do homem da fronteira. Em Quintana eventualmente, aparecem características que revelam a inexistência de limites, com temas que revelam um domínio psíquico; demonstra conhecer as coisas do campo e sobretudo outras coisas, que representam elementos contrários como a dor e o riso, o amargo e o humor, a vida real e o sobrenatural, na simultaneidade do passado e do presente.

O poeta foi um cidadão à sua moda, queria uma cidade de outros tempos, feita de lampiões, de solares, de cacimbas em pátios e de goiabeiras junto ao galinheiro. Graças à leitura, a sua cultura foi ampliada, o que lhe oportunizou viver e conhecer muitos países do mundo ao mesmo tempo, por meio de livros, revistas, jornais e por filmes, sendo um homem urbano e totalmente vacinado

²⁶ A listagem descrita está no livro: QUINTANA, Mário: *Poesia Completa*: organização Tânia Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. P.09

contra o provincianismo. A ironia e o humor não lhe permitiam enredar-se nas frivolidades da sociedade burguesa, nem aderir a um sistema de vida medíocre. O poeta de Alegrete não se interessava por política, mas é possível perceber na sua poesia um “vírus antiburguês”. Existe, nos seus poemas, uma antipatia ao que humilhe o homem, que o prive da liberdade, que o torne explorador de outros homens. Em seus poemas, é fácil perceber em cada verso o murmúrio da inocência, o grito sufocado dos injustiçados, a dor anestesiada dos miseráveis. A poesia aborda coisas concretas, bem determinadas, possíveis de serem imaginadas, porque a matéria de seus poemas é o mundo:

O poema possivelmente, é um encontro, inesperado e feliz, entre a vontade de fazer um poema e a sorte de tê-lo feito. Ou: um estado de espírito do poeta, que se converte, no leitor, em um estado de vida diferente, em outro estado de espírito à revelia tanto do primeiro como do segundo. Tal fenômeno acontece através de um milagre operado pela língua, que não é propriedade de nenhum dos dois. O poema, portanto, é um prodigioso “equivoco”, que encanta o poeta e o leitor. O poeta trabalha as palavras, e o leitor as degusta com um mínimo de co-autoria, completando o que o poeta e a própria língua não lhe puderam oferecer. Daí a força de Quintana²⁷.

A afirmação mostra que o poema está dividido entre a vontade de escrever e a de ter escrito, ou seja, a posição do poeta é vivida pelo leitor, mas opera em ambos com diferenças. Tudo isso é proporcionado pela magia da língua, pois o poeta trabalha com as palavras e o leitor detalha o que o poeta escreveu, completando os espaços vazios. As sugestões deixadas pelo autor demonstram a força que a poesia tem no desenvolvimento da imaginação.

²⁷ TREVISAN, Armino. *Mário Quintana desconhecido*. Porto Alegre: Brejo, 2006. P.26

Segundo Trevisan (2006), a importância da poesia de Mário Quintana está principalmente na sugestão, permitindo ao leitor completar as lacunas que o poeta deixa, experimentando mais vivências e descobrindo o mundo que o rodeia. Sua poesia é toda feita de sutilezas, de simplicidade. Para dizer, ele faz uso de uma economia verbal, mas com ritmo e graça. A economia de palavras mostra a força da poesia, em que o leitor cria ao ler as imagens suscitadas, fato que motiva a imaginação, daí a importância do contato com o gênero para criança.

Ao mesmo tempo, a poesia de Quintana é um desafio à burguesia, um desafio sutil, venenoso a longo prazo. Sua poesia denuncia um empenho em fingir que ele não pensa, que não tem interesse pelos grandes enigmas do universo. “Eu nada entendo da questão social./ Eu faço parte dela simplesmente...”²⁸. Na realidade, tais problemas estão nos seus poemas, e é por isso que não é possível descobrir numa primeira leitura: “A pele de um defunto é uma das últimas coisas que vemos./Antes vemos a imobilidade do corpo”²⁹. Ele é um poeta emotivo, mas à sua maneira, um poeta não acessível aos leitores com pressa.

Segundo Trevisan (2006), a poesia de Mário Quintana é intimista e se forma na zona da sensibilidade; ela exige que o leitor se encontre no estado de espírito propício para ouvir um poeta de voz mansa, suave e delicada. A delicadeza, a simplicidade e a humildade mostram como a poesia é mais difícil, mais obscura do que parece à primeira vista. Ela não tem nada de humildade nem de simplicidade, porque seu autor é irônico e astuto. Todo seu trabalho pode ser

²⁸ QUINTANA, 2005, op. cit, obra *A rua dos cataventos*, verso V, P.89.

²⁹ TREVISAN, 2006, op. cit. P51.

considerado como uma poesia da inteligência, pois, mesmo sendo lúdica, ela expulsa o leitor do mundo bem-comportado em que se encontra.

2.3 Poemas para infância

A criança que vivia em Mário Quintana procurou aproximar-se de outras crianças para comunicar-se poeticamente através de poemas chamados infantis. Depois do sucesso do livro *Pé de pilão*, outros mostraram o estreito parentesco de almas e imagens do poeta com as crianças. Sua obra reúne cinco livros de poemas para infância: *O batalhão das letras* (1948), *Pé de pilão* (1975), *Lili inventa o mundo* (1983), *Sapo amarelo* (1984) e *Sapato furado* (1994). A obra destinada à criança quer proporcionar o sentir a beleza da palavra transformada em versos que traduzem encantamento.

A poesia apresenta-se ao público infantil sendo fiel ao seu mundo porque fala de temas do interesse da criança. *O batalhão das letras* remonta uma recordação do poeta, de uma experiência vivida no Colégio Militar, em que ele, quando aluno, precisava entrar em fila, como num batalhão. A obra fala de animais que as crianças conhecem: cobra, urubu, gato, cavalo, cachorro, formiga, borboleta, jacaré, passarinho e menciona brincadeiras: jogo de bola e bilboquê. As soluções mágicas aparecem quando o poeta compara o alfabeto a um batalhão de

soldados e as letras do alfabeto, a estrelinhas, “Brilhando no céu do mundo”³⁰. Sendo *O batalhão das letras* uma obra de cunho pedagógico, na qual os vocábulos usados para representarem as letras são de uso costumeiro nas escolas, por ser o foco da obra a alfabetização e, na época, principalmente pelo uso das cartilhas nesse período, aparecem as palavras: balão, bebê, criança, dedo, escolas, flores e índio.

A obra *Pé de pilão*, mantém uma organização semelhante ao *O batalhão das letras*, pois também fala sobre animais conhecidos do mundo infantil: pato, macaco, passarinho, cavalo, andorinha, cobra, vaca, burro e mosquito. Outro dado importante são as soluções mágicas dadas ao enredo, que oportunizam o envolvimento da criança com a fantasia: pela presença da maldade de uma bruxa, que transforma uma personagem em pato e sua avó, linda fada, vira uma velhinha. Outra solução que motiva o imaginário da criança pela fantasia é a volta ao normal das personagens nos seguintes versos: “Com a graça celestial;/ Põe fim a tudo que é mal”³¹. Ao usar expressões e situações do cotidiano do infante, Mário Quintana aproxima a obra dos pequenos: “Entra como um pé-de-vento;/ Olhe para cá direitinho;/ vai sair um passarinho;/ Se o professor ergue o dedo,/ Rosinha treme de medo”³². O uso das onomatopéias proporciona à criança a brincadeira com as palavras: Ah! Ah!Ah!, him!him!him!, quá...quá..., tlim-tlim, hum!... As rimas nos versos chamam a atenção pela melodia.

³⁰ QUINTANA, Mário. *O batalhão das letras*. São Paulo: Globo, 1999. P.6.

³¹ QUINTANA, Mário. *Pé de pilão*. São Paulo: Ática, 1999. P.36.

³² *Ibidem*, P.6.

Na obra *Pé de pilão* aparece a fantasia, como explica Bruno Bettelheim (1978)³³ sobre os contos de fadas, ao apontar a mente animista da criança, que acredita que a pedra, o rio, os animais estão vivos, têm vontade e principalmente sentem e pensam como pessoas. Para a criança que deseja entender o mundo, parece razoável esperar respostas de seres inanimados. Dessa forma, os animais que sentem e pensam são como nós, e esse é um fato inteiramente natural para a criança.

O livro *Nariz de vidro* foi editado em 1984, pela editora Moderna, com uma coletânea de poemas do *Jornal Correio do Povo*, selecionados por Mery Weiss. Ela é autora de literatura infantil, formada em Comunicação e Relações Públicas pela PUCRS, com vários cursos de extensão universitária. Sua obra “nos conta as magias da infância”³⁴, segundo depoimentos de Mário Quintana. *Nariz de vidro* tem um total de 57 textos, sendo que não é composto somente por poemas infantis. Há poemas que estão em sintonia com o público infantil, porque falam de brincadeiras infantis, com músicas cantadas nas rodas, como mostram os versos: “A canooovirou.// Quando fez elavirar? Uma voz perguntava”.³⁵ Também alguns poemas referem ao mundo mágico através da fantasia, representada por personagens conhecidas de narrativas infantis, que muito agradam à criança: Joãozinho e o pé de feijão, dragões, reizinho e baú. Os animais, assim como nas outras obras, fazem parte dos poemas e causam empatia na criança pelo animismo próprio da faixa etária, pois ela entende sem problemas que eles podem falar e

³³ BETTELHEIM, Bruno. *Psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. P.60

³⁴ FARACO, Sérgio. *Quem é quem nas letras riograndenses*: dicionário de autores contemporâneos. Porto Alegre: Divisão de Cultura, 1982.

³⁵ QUINTANA, Mário. *Nariz de vidro*. São Paulo: Moderna, 2003. P.30.

agir como pessoas. O poeta faz, ainda, uso de onomatopéias em alguns poemas: Pirulin, lulin,lulin, mé e mu.

Bruno Bettelheim (1978) fala sobre a identificação da criança com a personagem. No momento em que ela se identifica com uma figura, obtém satisfação, organiza suas idéias e faz conexões com a realidade. Quando os pensamentos mágicos da criança estão personificados numa bruxa, num rei, num dragão, num gigante, a criança elabora seus desejos destrutivos, seus medos, uma vingança. Então, estabelece ordem no seu mundo interior. Bettelheim refere-se especificamente à narrativa, mas seus achados podem se aplicar à leitura do texto poético.

Lili inventa o mundo possui textos que foram selecionados por Mery Weiss entre os textos de Mario Quintana publicados na coluna “Letras e Livros”, do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre, e entre as obras completas do autor. O livro apresenta o mundo no primeiro poema através da magia do faz-de-conta; mostra em outro poema as brincadeiras de roda, brinquedo conhecido de todas as crianças. O humor do poeta é percebido, principalmente, quando ele faz um verso sobre o peixe que morreu afogado: “até que o peixinho morreu afogado”³⁶. O medo é um sentimento constante na vida da criança e ao aparecer nos poemas de Mário Quintana favorece a identificação com o público infantil. O medo aparece sob várias formas nos poemas: nuvem, vento, gesto e até no próprio medo. Existem assuntos referentes às descobertas e às afirmações da criança, em que as coisas do dia-a-dia ganham sentido e beleza.

³⁶ QUINTANA, Mario. *Lili inventa o mundo*. São Paulo: Global, 2005. P.20

Sapato furado aborda uma temática diferente das outras publicações porque fala sobre a morte. O autor monta cenários imaginários de um ritual de velório, fala de defuntos, moribundos, como é a chegada ao céu depois da morte e do diabo. Até mesmo quando fala sobre a morte através do mundo mágico, ele usa a fantasia com personagens que a representem: drácula, fantasmas... O nome da obra é visto no poema “Fantasma”, nos versos: “Pobre diabo marginal entre dois mundos.// Não usa sapatos”.³⁷

Temas como morte, fantasmas, diabo, drácula são assuntos complicados de serem abordados com as crianças, sendo que a ficção através da brincadeira com as palavras revela um novo mundo, proporcionando o experimento e a vivência de coisas distantes da vida dela naquele momento. Como diz Bruno Bettelheim (1978), ao ler uma narrativa a fantasia da criança surge, pois ela aplica a si mesma o que diz em cada palavra, como meio de revelar a vida e a natureza humana tão desconhecidos para ela, sendo esse o caminho que permite à criança experimentar o mundo, pelo poder contido em cada palavra para ela. A criança confia naquilo que lê, pois está de acordo com a vida dela e a ajuda a organizar seu mundo interior.

Em *Sapo amarelo*, Mário Quintana utiliza como foco o poema. Escreve sobre o primeiro verso, dizendo que ele sempre é inédito. Compara o poema a coisas agradáveis: “o cheiro bom da terra, do capim chovido...”³⁸. Fala que o poema é como um cachorro-farejador, que procura até mesmo no lixo um tesouro escondido. Chama de fatalidade versos rimados com lamento. Diz o poeta que a

³⁷ QUINTANA, Mário. *Sapato furado*. São Paulo: FTD, 1994. P.28

³⁸ QUINTANA, Mário. *Sapo Amarelo*. São Paulo: Global, 2006. P.7

poesia guarda o mistério da vida: “A verdadeira poesia sempre foi/ um meio de comunicação com este mundo e/ com o outro mundo”³⁹. No poema “Palavras”, Mário Quintana fala da magia contida na palavra:

Há palavras verdadeiramente mágicas. O que há de mais assustador nos monstros é a palavra ‘monstro’. Se eles se chamassem leques ou ventarolas, ou outro nome assim, todo arejado de vogais, quase tudo se perderia do fascinante horror de Frankenstein...⁴⁰

Poesia, poema e verso aparecem como realidades diversas para Mário Quintana. Desse modo, o poema é uma das formas que a essência poesia assume quando aparece. Não é sua forma necessária e constante, já que isso seria submeter a poesia aos limites da individualização. Em outras palavras, o poema não é a forma única e específica da poesia; a poesia é uma realidade mais ampla, que pode se dar por intermédio de outras formas como uma música, um quadro, uma pintura, uma imagem, uma foto. É preciso, contudo, deixar claro que, mesmo sendo essa distinção clara, freqüentemente Mário Quintana emprega os termos “poesia” e “poema” como sinônimos ao escrever seus poemas.

A força da poesia de Mário Quintana contida nos vocábulos e nos versos servem de estímulo para trabalhar com os poemas para infância do autor, no trabalho realizado nas oficinas, que aconteceram no Centro de Literatura Interativa da Comunidade (CLIC)⁴¹, no ano de 2006, com 15 alunos entre 8 e 12 anos.

³⁹ Ibidem, P.13.

⁴⁰ Ibidem, P.18.

⁴¹ CLIC é o espaço onde a pesquisa de campo foi realizada. Fica localizado no Centro de Extensão Universitária Vila Fátima/ PUCRS.

CAPÍTULO 3

3 A MAGIA QUE ENCANTA AS CRIANÇAS

O profeta

Tu quiseste dizer a Verdade e disseste a beleza!
E choraste.

Mas os anjos sorriam-te...
Porque Beleza é a forma Angélica da Verdade.

Mario Quintana

3.1 Histórico do Centro de Literatura Interativa da Comunidade-CLIC

A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) está situada no Bairro Partenon e confina com várias vilas populares que vivem em miséria cultural, material, de moradia, de alimentação, etc. Tal situação, percebida pela direção da Universidade, pelos professores e pelos alunos, motivou uma obra social para melhorar a realidade da população carente de uma dessas comunidades, aquela situada na Vila Nossa Senhora de Fátima. Para aprimorar a qualidade de vida dessa população, foi criado o Campus Aproximado, depois denominado Centro de Extensão Universitária Vila Fátima, tendo nas suas dependências serviços de odontologia, ginecologia, psicologia, atendimentos clínicos, serviço social e educação. Os primeiros trabalhos tiveram o suporte de experiências que professores e alunos da PUCRS adquiriram durante mais de dez anos no Campus Avançado do Alto Solimões, em Benjamim Constant/AM.

O Campus Avançado do Alto Solimões surgiu de vasto programa do governo federal, que criou em 1965 o Projeto Rondon, a fim de oportunizar

melhores condições de educação, cultura e ciências para os habitantes mais desprotegidos do Brasil, sobretudo do Amazonas. O professor Ely Souto dos Santos visitou as regiões amazônicas para planejar o trabalho a ser realizado. Após estudos de viabilidade, o Reitor Irmão José Otão decidiu que a PUCRS participaria, sediando o Campus em Benjamim Constant, no Alto Solimões, fronteira com o Peru e com a Colômbia. A 19 de novembro de 1972 foi firmado o convênio que deu vigência oficial ao projeto no Alto Solimões, inicialmente em um prédio emprestado, enquanto era construída a sede definitiva.

O Campus Aproximado foi criado em 2 de maio de 1979, na reunião extraordinária do Conselho Universitário em homenagem ao 1º aniversário de falecimento do Irmão José Otão, que foi Reitor de 1954 a 1978. Por proposta do Sr. Reitor Irmão Norberto Francisco Rauch, foi aprovada por unanimidade a criação de uma obra social que empenhava toda a grande comunidade universitária, numa vila popular próxima ao Campus central. O projeto seria chamado de Campus Aproximado Vila Nossa Senhora de Fátima, começando a funcionar em agosto de 1980. No Campus Aproximado desenvolviam-se programas de Saúde para as crianças e para mulheres nos setores de Pediatria, Ginecologia e de Higiene Familiar.

Com o passar dos anos e pensando na inclusão cultural, foi criado um novo projeto para atender mais diretamente a criança em sua formação leitora, num ambiente diferente da escola. O objetivo do projeto não era desvinculado da realidade escolar das crianças, porque entendeu que elas precisavam aperfeiçoar o nível de leitura e escrita, bem como o conhecimento da língua. O Programa de

Pós-Graduação da Faculdade de Letras, entendendo a necessidade, criou o projeto do Centro de Literatura Interativa da Comunidade-CLIC. Tal projeto iniciou com vários programas de incentivo à leitura. Foram criados grupos de pesquisa em literatura na comunidade. O CLIC existe, pois, por iniciativa de professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras e surgiu em 1997 e pode ser apresentado como um programa de ação. Coordenado pela professora Vera Teixeira de Aguiar, ele foi implementado no Campus Aproximado da PUCRS, localizado na Vila Nossa Senhora de Fátima, no Bairro Bom Jesus, Rua 14, nº 227, zona leste da cidade de Porto Alegre, a partir de 2005 denominado Centro de Extensão Universitária Vila Fátima.

Criado como um programa de extensão e pesquisa para oferecer aos seus alunos a oportunidade de desenvolver práticas de ensino em contato com a realidade brasileira, o centro oferece serviços de qualidade acadêmica a uma comunidade de baixa renda. O público alvo do CLIC é constituído por crianças regularmente matriculadas no sistema formal de ensino, com idades de 7 a 14 anos. Diariamente no Centro de Extensão Universitária Vila Fátima são realizadas atividades de ensino e de serviço nas áreas da saúde, educação, assistência social e oficinas de leitura da literatura, com caráter lúdico.

Segundo o relatório anual do CLIC do ano de 2006 na Vila Nossa Senhora de Fátima, a maioria da população, cerca de 10.000 pessoas, é carente e apresenta baixa escolaridade. As condições de moradia são precárias e o saneamento é deficiente. Os dados demográficos desta população (IBGE – 1990 – 2000) sugerem riscos para maior morbidade e mortalidade por várias causas, em todas

as idades, comparados com outras populações. Dos quase mil domicílios, 98% são considerados subnormais e abrigam 4 ou 5 pessoas; 67% das famílias têm renda menor do que dois salários mínimos e 45% dos chefes de família têm menos de 4 anos de estudo. A coleta de lixo é realizada indiretamente na maioria das residências; o saneamento é deficiente, predominando a presença de fossas rudimentares ou valas de esgoto.

O projeto do CLIC, desde sua criação, atendeu aproximadamente mil crianças da Vila Nossa Senhora de Fátima. Esse número foi obtido a partir dos seguintes dados: dez oficinas oferecidas semanalmente, cinco em cada turno, com média de 10 crianças participantes por encontro, durante 10 anos. Como descrito no relatório anual do projeto, nas crianças participantes observa-se uma significativa melhora no desempenho da leitura e da escrita, tendo em vista que cada criança participa semanalmente de uma oficina, o que lhe permite um contato freqüente com o livro ao longo do ano. Depoimentos recolhidos e escritos no relatório anual do CLIC, salientam que os educadores do Serviço de Assistência Social ao Educando-SASE e de professores de escolas que atendem essas crianças reforçam tal avaliação.

As oficinas exploram diversos gêneros literários (contos de fadas, lendas, fábulas, romances, poemas, drama), possibilitando o conhecimento das peculiaridades de cada tipo de texto, que exigem habilidades de leitura diferenciadas. Segundo relatório anual do CLIC esse conhecimento manifesta-se no momento em que as crianças explicitam seus interesses de leitura, mencionando o gênero escolhido, os textos preferidos, os livros de que mais

gostam. As atividades de criação de histórias e poemas possibilitam às crianças assumirem também um papel de autoras, desenvolvendo, assim, a criatividade e alargando o imaginário.

O trabalho ininterrupto do CLIC, desde 1997, junto à Associação de Moradores da Vila Nossa Senhora de Fátima, desenvolvido nas dependências da sede do Centro de Extensão Universitária Vila Fátima da PUCRS, adquiriu legitimação pela comunidade, tornando-se uma presença cultural importante para pais, professores, crianças e agentes culturais que atuam na Vila Fátima. Hoje, qualquer morador da Vila identifica o CLIC como espaço onde se lê, se trabalha de diversas maneiras, de forma séria e prazerosa a leitura. A iniciativa tornou-se um patrimônio da comunidade e ultrapassa a ação dos próprios pesquisadores. Acrescenta-se ainda a voz de todos aqueles que entraram em contato com o trabalho e reconheceram a sua importância na abertura de caminhos para inclusão social.

São oficinas de Literatura que o CLIC oferece, uma vez por semana, em cada turno, com enfoques diversos segundo as habilidades dos monitores. As oficinas estimulam o uso da biblioteca, valorizam a contação de histórias, a encenação teatral, as artes plásticas, a produção de poemas e debates. Os enfoques descritos possuem objetivos específicos para cada oficina, mas todas tem como ponto de partida o livro. Enquanto uma oficina incentiva a autonomia frente o acervo, outras contam histórias, encenam partindo de releituras, reconstituem o texto com recursos artísticos, produzem poemas e conversam a partir do texto sobre a vida.

Outra atividade interessante do Centro de Literatura Interativa da Comunidade são os encontros culturais, que acontecem mensalmente, com o objetivo de aproximar do público infantil escritores, ilustradores, cineastas, músicos e outros profissionais ligados à produção cultural para as crianças. Para avaliação das oficinas, acontecem reuniões semanais, com todos os participantes do programa e, eventualmente, também são oferecidos cursos de capacitação.

A pesquisadora, por participar do referido projeto do CLIC, utilizou o trabalho nas oficinas para realizar a pesquisa de campo com as crianças que freqüentam o Campus Aproximado.

3.2 Relatório das oficinas

O trabalho no CLIC foi realizado através de oficinas, sendo oficina entendida, segundo Vieira e Volquind (1996)⁴², como um local em que o trabalho é realizado de forma que seja elaborada uma produção pelo participante e, portanto, é uma modalidade que visa à ação. O espaço tem que contar com vivências, reflexão e construção do saber. É um lugar para aprender fazendo, sendo importante levar o aluno a pensar, sentir, experimentar, investigar, discutir e problematizar. A relação monitor-participante numa oficina funciona como numa equipe de trabalho, em que

⁴² VIEIRA, Elaine & VOLQUIND, Lea. *Oficinas de Ensino: O quê? Por Quê? Como?* Porto Alegre: PUCRS, 1996. p. 9 et seq.

cada um contribui com sua experiência. O professor é quem coordena, mas a ele é permitido também aprender.

As oficinas acontecem para despertar no indivíduo o gosto pelo poema através do desenvolvimento da imaginação, demonstrando que o contato da criança com o gênero poético aprimora a leitura, incentiva a escrita e melhora a oralidade. As crianças do projeto do CLIC vivem na comunidade já mencionada, da Vila Nossa Senhora de Fátima. Durante quatro meses as crianças tiveram contato semanal com o gênero poético. Nas oficinas eram convidadas a produzirem seus próprios poemas. As primeiras produções foram mais difíceis, necessitando da ajuda da monitora a todo momento. À medida que foram acontecendo as oficinas, as crianças começam a ficar mais soltas e confiantes na sua capacidade criadora, e a produzir os poemas com mais facilidade e de forma prazerosa.

Isso não significa que apenas essa experiência seja o remédio para todos os problemas de escrita e leitura na escola. Sabe-se que o caminho das dificuldades apresentadas pelos estudantes começa bem cedo, vem desde a alfabetização, e se propaga por toda vida estudantil da criança e do jovem, gerando a incapacidade de inserção na sociedade devido a carência de competências. É o circuito da pobreza cultural, mais visível na comunidade menos privilegiada. Por isso, sua solução exige continuidade, dedicação.

Assim, tentando romper com a incapacidade de inserção na sociedade pela carência de competências, surge esse trabalho, que deseja colocar o jovem carente na sociedade através do contato com o gênero poético. É especialmente essa

inserção pela poesia que vai proporcionar a capacidade de emocionar, que significa o direito de sentir, ver o belo, apontando um caminho para o desenvolvimento integral do indivíduo.

A investigação aconteceu nas dependências do CLIC, no 2º semestre do ano de 2006. O trabalho de pesquisa de campo teve por base o livro de Maria Alberta Menéres *O poeta faz-se aos 10 anos*, pretendendo despertar no indivíduo o gosto pelo poema através do desenvolvimento da imaginação, por meio das sugestões de trabalho da autora. Maria Alberta Menéres utiliza como motivação um assunto, conversa sobre ele com os alunos e no final da aula eles produzem um poema. A pesquisadora utilizou a mesma ordem nas oficinas, somente alterando a motivação porque usou para isso os poemas de Mário Quintana. Os poemas de Mário Quintana foram escolhidos por instigarem o imaginário, quando o poeta privilegia imagens e temas diversificados de interesse da infância. As obras utilizadas de Mário Quintana foram: *Pé de pilão*, *Lili inventa o mundo*, *Sapato furado*, *Sapo amarelo*, *O batalhão das letras* e *Nariz de vidro*.

O trabalho na oficina acontecia em três etapas: leitura do poema, conversa sobre o poema, e uma proposta de escrita; denominadas, respectivamente de: O POEMA, COMPREENDENDO, AGORA VOU ESCREVER! Antes da leitura do poema havia uma proposta de motivação, que contava sempre com atividades diversificadas e interessantes referentes à temática do poema a ser trabalhado, a fim de mobilizar o desejo de ler. As atividades de motivação envolveram álbum de fotografias, contorno do corpo de um colega sobre papel pardo, pintura com tinta, dobraduras, música, fita de vídeo, construção de brinquedos com material reciclável,

recorte e colagem, pintura e pesquisa sobre a biografia de Monet. O trabalho em equipe era bastante valorizado nesse momento, para a confrontação de idéias, incentivando a cooperação e a leitura.

Foram selecionados quinze poemas de Mário Quintana dos livros já mencionados, em conformidade com as sugestões de atividades de Maria Alberta Menéres. Sendo utilizados dois livros integralmente e treze poemas das demais obras do poeta, na seguinte ordem: *Pé de pilão*⁴³, “Azrafel”⁴⁴, “Conto de todas as cores”⁴⁵, “Velha história”⁴⁶, *O batalhão das letras*⁴⁷, “Recordo ainda”⁴⁸, “O poema”⁴⁹, “Noturno”⁵⁰, “Ponte do riacho”⁵¹, “De um diário íntimo do fim do Século trinta”⁵², “Os hóspedes”⁵³, “Se eu fosse um padre”⁵⁴, “Poema”⁵⁵, “Canção do primeiro do ano”⁵⁶, “Poema do fim do ano”⁵⁷.

Depois de ler o poema com o grupo, as crianças trocavam idéias sobre os versos, como incentivo ao desenvolvimento da oralidade; o vocabulário também era discutido. Todos os passos realizados levam à escrita, por isso eram feitas várias atividades com o poema lido, a fim de facilitar o aparecimento de idéias no final. As atividades encaminhavam para a escrita de um poema no final. A seguir, são

⁴³ QUINTANA, 1999, op.cit.

⁴⁴ Idem, 2006, op.cit, P. 4

⁴⁵ Idem, 2005, op.cit, P.12

⁴⁶ Idem, 2005, op.cit, P.20

⁴⁷ Idem, 1999, op.cit.

⁴⁸ Idem, 2003, op.cit, p.42

⁴⁹ Idem, 2006, op.cit, p.28

⁵⁰ Idem, 2006, op.cit, p. 15

⁵¹ Idem, 2006, op.cit, p.25

⁵² Idem, 2006, op.cit, P.34

⁵³ Idem, 1999, op.cit, P.24

⁵⁴ Idem, 2003, op.cit, P.52

⁵⁵ Idem, 2003, op.cit, P. 18 et seq.

⁵⁶ Idem, 2005, op.cit, P.39

⁵⁷ Idem, 2005, op.cit, P.37

apresentadas as atividades e os versos que sugeriam as produções escritas e alguns poemas criados nas oficinas.

Foi lido todo o livro *Pé de pilão*, mas os versos a seguir foram mais salientados: “O pato ganhou um sapato,/ foi logo tirar retrato.// O macaco retratista./ Era mesmo um grande artista”⁵⁸. Depois de ler os versos, as crianças desenharam sua imagem numa moldura decorada por elas, brincaram de fotógrafo e escreveram um poema sobre infância. E o resultado dessa proposta foi:

Artista

Ser criança
É ser artista
Porque no tempo da escola é pessimista
Mas no sonho é tudo bonito
Como num retrato

(Elias⁵⁹)

A seguir, alguns versos do poema “Azrafel”: “E vai daí o Anjo dos/ últimos Desejos, que, como todos/ sabem, atende pelo nome de Azrafel,/ compadeceu-se muito e imediatamente/ satisfaz as curiosidades do pobre homem,/ transformando-o num fantasma dentro/ de um disco voador”⁶⁰. Essa parte do poema de Quintana mostra uma transformação, o que motivou um trabalho de criação de uma personagem em papel pardo, feita pelo grupo. A personagem

⁵⁸ Idem, 1999, op. cit, P.3

⁵⁹ Foram muitos os poemas escritos pelos alunos, mas para fim de organizar o trabalho foi preciso escolher alguns para comporem o relatório das oficinas. Para valorizar as produções que foram realizadas com tanto zelo e empenho pelas crianças, incluo todas em anexo. É importante salientar que em cada encontro eram registrados pela monitora, dois ou três poemas elaborados no dia. A escolha daqueles que são analisados ocorreu aleatoriamente, sem critério de seleção nenhum.

⁶⁰ Idem, 2006, op. cit, P. 4.

criada ganhou um nome (Pé Pequeno), uma identidade e serviu como motivo para escrita:

P ato é preto
 E ngoliu o sapato

 P ato esperto
 E sperto
 Q ue nem um avião
 U m enorme trapalhão
 E ncontrou
 N o galinheiro um enorme
 O vo

(Bruna)

O poema “Conto de todas as cores” fala da contemplação de algo diferente e inventado: “Eu já escrevi um conto azul, vários até.// Mas este agora é um conto de todas as cores”⁶¹. Como exercício de apreender a ver a beleza em todas as coisas, as crianças ficaram sentadas na rua contemplando o dia, e depois elas escreveram:

O dia

O dia de hoje está ensolarado
 Ensolarado só no poente
 Poente só quando o sol
 Está doente.

(Fernanda)

Em continuação, foi lido o poema “Velha história”: “Era uma vez um homem que estava pescando, Maria. Até que/ apanhou um peixinho! Mas o peixinho era tão pequenininho/ e inocente, e tinha um azulado tão indescritível

⁶¹ Idem, 2005, op. cit, P.12.

nas escamas, que/ o homem ficou com pena”⁶². Apreciando a natureza, em especial os peixes, foram feitas dobraduras de peixe e um aquário foi montado. Depois de contar o número de peixes do aquário, eles escreveram seus poemas:

1 peixe no mar
 2 vão ao bar
 E 3 não vão a nenhum lugar
 4 juntos vão pescar
 Pra 5 não vão ficar
 6 não no mar, porque
 Com 7 não vou morar.

(Thais)

O livro *O batalhão das letras* foi trabalhado na íntegra, mas alguns versos foram mais salientados: “E todas as vinte e seis letras que aprendeste num segundo são vinte e seis estrelinhas brilhando no céu do mundo”⁶³. Comparando o alfabeto com estrelas, foi feito em conjunto com papel colorido, um céu estrelado, usando recorte e colagem. Uma conclusão foi importante para o grupo, que percebeu o quanto as letras registram coisas bonitas. A proposta de escrita do poema aconteceu de forma coletiva, quando cada um escrevia um verso, usando como motivo o alfabeto:

Rodrigo e as letras

Às vezes penso no alfabeto.
 Bem pouco eu penso.
 Com a caneta escrevo
 Dedo duro,
 E não dedo mole.
 Fiz um curativo no dedo mole, aguentei a dor.
 Hoje a dor passou,
 I daí voltou.
 Já podia estar curado.

⁶² Idem, 2005, op. cit, P.20.

⁶³ Idem, 1999, op. cit, P.6

Livre daquela dor.
 Amanheci sem nenhuma dor,
 Nunca vi dor igual.
 O que vou fazer sem dor?
 Primeiro vou caminhar,
 Quem sabe até correr.
 Rodrigo correu até cansar
 Saindo do parque quando o tênis estourou.
 Tarde ficou!
 Um amigo urso encontrou
 -Vamos a minha casa amigo urso?
 -Xi, não posso.
 -Zenaide minha mãe não deixa.

(Texto Coletivo)

A leitura do poema “Recordo ainda...” motivou falar de criança e brincadeiras de criança, como um bilboquê, construído com material reciclável: “Recordo ainda... E nada mais me importa.../ Aqueles dias de uma luz tão mansa./ Que me deixavam, sempre, de lembrança./ Algum brinquedo novo à minha porta”⁶⁴, os versos fizeram surgir um poema no formato do brinquedo:

Brincadeira de criança
 A criança gosta de brincar com
 Com seu brinquedo favorito
 Favoritos de A até o Z
 Com A escrevo avião
 B escrevo bola
 C escrevo
 carrinho
 D escrevo
 dado
 E escrevo
 encaixe
 F escrevo
 ferrorama
 G escrevo
 gaita
 H escrevo
 helicóptero
 E a brincadeira
 Vai até o Z.
 (Cristiano)

⁶⁴ Idem, 2003, op. cit, P.42.

Ao ler “O poema”: “Uma/ formiguinha/ atravessa,/ em diagonal,/ a página ainda/ em branco.// Mas ele,/ aquela noite,/ não escreveu/ nada. Por quê?/ Se por ali/ já havia passado/ o frêmito e/ o mistério da vida...”⁶⁵, as crianças viram num papel branco a possibilidade de criar, primeiro artisticamente, usando diversos materiais e depois escrevendo:

Papel branco

Aquele era um papel branco
 Branco como borracha.
 Borracha bem branquinha.
 Branquinha que nem o papel
 Papel branquinho é sem graça.
 Graça quando nele escrevemos
 Escrevemos com o lápis
 Lápis coisas engraçadas escreve.
 Escreve o que é alegre e triste.
 Triste não quero escrever.
 Escrever para mim é sempre alegria.

(Tamires)

Depois de olhar o livro *111 poemas para crianças*, do Sérgio Capparelli, na parte de poemas visuais, as crianças entenderam o que é um ideograma e formaram um com recortes de revista. Todos leram os seguintes versos do poema “Noturno”: “Desconfio muito que nos dias de nevoeiro os fantasmas aproveitem para passear incógnitos pelas ruas”⁶⁶. Eles substituíram a palavra *fantasma* por outra personagem. E com a personagem escreveram um poema no formato da figura escolhida⁶⁷ (ver anexo pág. 106).

⁶⁵ Idem, 2006, op. cit, P.28.

⁶⁶ Idem, 2006, op.cit, p. 15

⁶⁷ Não foi reproduzido o poema elaborado na oficina, porque a produção foi no formato de figuras escolhidas por eles (mouse, casa, árvore, flor), ficando difícil à reprodução aqui.

Partindo do poema “A ponte do riacho”, o grupo pesquisou e descobriu que o pintor que representava em sua obra a ponte era Monet: “Era uma vez um pintor aqui de Porto Alegre. Costumava pintar eternamente a Ponte do Riacho”⁶⁸. E as crianças pintaram com guache uma ponte e escreveram sobre a ponte de Monet:

A ponte Monet

Acho o riacho bonito
 Riacho apareceu num trabalho de Monet
 Monet era pintor
 Pintor muito famoso
 Que faz até dar gosto
 Gosto da sua pintura
 Que só tinha belezura!

(Vitor)

Leu-se o registro de um diário no poema de Mário Quintana: “Tenho 9 anos. Meu nome é Gravilo. Meu professor só hoje me permitiu uma ida ao Jardim Botânico, por causa da minha redação sobre a fórmula de Einstein”⁶⁹. No encontro anterior, falamos sobre a obra de Monet. Surgiu, assim, o interesse do grupo em conhecer a biografia do pintor, que foi pesquisada na Internet. Depois de ler o poema “De um diário íntimo do Fim do Século Trinta” e, em especial, os versos acima citados, apareceu a idéia da autobiografia:

Diário de mentiras

Um dia eu menti
 Menti estar doente
 Para não ser estudante
 Menti estar com dor de dente

⁶⁸ Idem, 2006, op. cit, P.25.

⁶⁹ Idem, 2006, op. cit, P.34.

E voltei para casa antes do poente
 Menti até no colégio ontem
 Que uma briga era uma brincadeira.

(Cristiano)

O tema “susto” também foi motivador porque, mesmo o poema falando de um casarão que não era assustador, porém povoado de fantasmas, eles levaram um susto: “Um velho casarão bem-assombrado aquele que habitei ultimamente”⁷⁰. Depois de verem o desenho do Gasparzinho, que no enredo mostrava fantasmas que não eram camaradas como a personagem principal, mas que tinham a intenção de dar susto, as crianças montaram um móbile com figuras de fantasmas, vampiros, caveiras e etc, e fizeram seus poemas:

O fantasma assustador

Quando o fantasma assusta
 Deixa tudo bagunçado
 Quando ele não assusta
 deixa tudo arrumado.

(Vitor)

A leitura do poema “Se eu fosse um padre”: “Se eu fosse um padre eu citaria os poetas.// Rezaria seus versos, os mais belos,/ desses que desde a infância me embalaram/ e quem me dera que alguns fossem meus!// Porque a poesia purifica a alma.../ e um belo poema – ainda que de Deus se aparte –/ um belo poema sempre leva a Deus!”⁷¹, permitiu que cada um completasse a frase que dá nome ao poema com uma personagem. Depois, cada criança representou aos colegas a personagem através da dramatização. Cada uma fez seu poema pensando na personagem criada:

⁷⁰ Idem, 2006, op. cit, P.24.

⁷¹ Idem, 1994, op. cit, P.52.

Se eu fosse...

Se eu fosse um corredor de fórmula um
 Eu seria o número um
 Um mais veloz
 Um mais experiente
 Um campeão
 É isso que eu desejo ser
 Para poder festejar
 Um primeiro lugar

(Vitor)

Ao ler “Os poemas”: “Os poemas são pássaros que chegam/ não se sabe de onde e pousam/ no livro que lê”⁷², falar do poema foi uma forma de as crianças entenderem o que haviam aprendido até o momento. Foi realizada uma conversa informal, lembrando os poemas preferidos de cada uma. Então, a finalização foi escrever, falando de poema:

Poema

O poema é como um beijo
 Acontece e eu nem vejo
 Vem rápido
 Assim também vai embora

(William, Fernanda e Leonardo)

Discutir o real sentido do Natal e falar de esperança foi muito proveitoso como encerramento do trabalho nas oficinas: “Silêncios. Sinos. Apelos. Sinos./ E sinos. Sinos. E sinos. Sinos./ Pregoeiros. Sinos. Risadas. Sinos./ E levada pelos sinos,/ todo ventando de sinos,/ dança a cidade no ar!”⁷³. O grupo, por votação, achou que o Papai Noel é o representante do Natal. Por isso, foi montado um Papai Noel com papel picado. E o motivo da escrita foi o Natal:

⁷² Idem, 1994, op. cit, P.18.

⁷³ Idem, 2005, op. cit, P.39.

Sinos de Natal

O Natal é alegre
 Alegre quando vem
 Triste quando vai
 Quando o Natal vai embora
 Nem ao menos dá tchau.

(Cristiano)

Com a leitura de “Poema do fim do ano”: “Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano/ mora uma louca chamada Esperança:/ E quando todas as buzinas fonfonam/ quando todos os reco-recos matracam/ quando tudo berra quando tudo grita quando tudo apita/ a louca tapa os ouvidos/ atira-se”⁷⁴, o grupo fez um mural com gravuras de revista, representando esperança:

O primeiro dia do ano

O ano novo é bem novo
 Enche tudo de mania
 De esperança e fantasia
 A esperança é o segredo
 De esperar um mundo melhor!

(Vitor)

Ao final dos quinze encontros com as crianças do CLIC, era possível perceber o entrosamento delas com a poesia, maior facilidade para escrever e melhoras significativas na leitura. A poesia, no grupo de crianças do CLIC, se manifestava através de uma linguagem centrada no sentimento, na emoção e descompromissada com a concordância, com a verdade, que na poesia é transcendental. Como diz Mário Quintana: “A verdade do mundo poético/ não

⁷⁴ Idem, 2005, op. cit, P.37.

tem de dar satisfação à verdade/ do mundo real”⁷⁵. E, assim, seguindo os passos das oficinas, as crianças produziram muitos poemas.

3.3 Passos de uma oficina

O objetivo deste trabalho é despertar no indivíduo o gosto pelo poema através do desenvolvimento da imaginação, demonstrando que o contato da criança com o gênero poético aprimora a leitura, incentiva a escrita e melhora a oralidade. Como consequência do trabalho realizado nas oficinas, foi criada uma metodologia que pode sugerir um caminho ao professor que desejar utilizar o gênero poético na escola.

A metodologia usada durante o desenvolvimento da oficina tinha início com a motivação do texto para despertar a curiosidade da criança sobre a beleza do poema e preparar para leitura. A seguir, cada criança faz a leitura do poema, observando a entonação, a pontuação e o ritmo. Observou-se que, quanto mais vezes se repetia a leitura, melhor o envolvimento e o entrosamento demonstrado por elas, com o poema, acontecendo o que o Poeta escreveu: “ O poema deve entrar na gente”⁷⁶.

A etapa seguinte era para conversar sobre os versos do poema, quando todos trocavam idéias e informações entre si. Também fazia parte da etapa o entendimento do vocabulário, a entonação das frases, exercícios de sinônimo,

⁷⁵ Idem. *Caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1977. P.77

⁷⁶ Escreveu Mário Quintana na dedicatória de um livro. Fato registrado pelo Prof. Elvo Clemente.

recriação de novas personagens e de novas rimas. Nesse ponto, escolhia-se uma atividade sobre o poema que fosse encaminhando para a produção final.

Encerrava-se a oficina do dia com a produção individual de um poema, de acordo com as idéias e exemplos do livro *O poeta faz-se aos 10 anos*, de Maria Alberta Menéres. Temas que motivavam as produções de poemas dos alunos da autora eram: o período da infância, acróstico com o alfabeto, com números e palavras, forma de uma figura pela idéia da transformação e da criação, sentimentos de admiração e medo, datas comemorativas e autobiografia. Os temas descritos também serviram de motivação para a escrita dos poemas das crianças da pesquisa.

A seguir, apresenta-se o relato de desenvolvimento do andamento de uma oficina⁷⁷. A oficina em questão foi baseada no livro *Pé de pilão*, sendo que alguns versos foram mais salientados. Os versos escolhidos foram referência para o trabalho com a motivação e a fase final, e também serviram para nomear o encontro, que foi chamado O RETRATO.

O primeiro passo realizado na oficina foi denominado A POESIA: “O pato ganhou um sapato,/ foi logo tirar retrato.// O macaco retratista./ Era mesmo um grande artista”⁷⁸. Tais versos foram escritos numa cartolina, lidos e comentados. Depois de entendido o conceito de retrato, foi visto um álbum de fotografias, que oportunizou um diálogo sobre as fases da infância de cada um. O

⁷⁷ Com a intenção de tornar o texto mais claro foi descrita uma proposta de atividade realizada durante uma oficina. As 14 oficinas restantes estarão nos anexos desta dissertação.

⁷⁸ Idem, 1999, op. cit, P. 3.

fechamento da etapa foi a confecção de um mural com desenhos da fotografia das crianças.

COMPREENDENDO é o segundo passo e o momento em que é lido o poema. Depois de várias leituras, alguns minutos eram dedicados a perguntas e respostas para compreensão. Também as palavras eram trabalhadas, numa discussão com o grupo sobre o significado das que desconheciam, sendo o uso do dicionário incentivado nesse momento. Todo o grupo participou de um jogo de dominó com as palavras do poema como fechamento da etapa.

O último passo, AGORA VOU ESCREVER!, fazia uma retomada breve do poema e salientava novamente os versos iniciais, que abriam e fechavam o trabalho: “O pato ganhou um sapato,/ foi logo tirar retrato.// O macaco retratista./ Era mesmo um grande artista”⁷⁹. A partir dos versos, o grupo brincou de fotógrafo, um tirando retrato do outro e falando uma palavra sobre a infância. Como conclusão cada um escreveu um poema sobre sua infância.

Todos os passos motivavam as crianças para leitura, mas também preparavam para o momento final de escrita, porque o tema era desenvolvido em todas as partes da oficina.

⁷⁹ Ibidem, P.3

CONCLUSÃO

Ao finalizar o trabalho, meio utilizado para descrever todo o caminho percorrido nas oficinas, que tiveram como objetivo durante a realização despertar no indivíduo o gosto pelo poema através do desenvolvimento da imaginação, e de demonstrar que o contato da criança com o gênero poético aprimora a leitura, incentiva a escrita e melhora a oralidade. Obtendo no final, como resultado, uma metodologia que pode sugerir um caminho ao professor que deseja utilizar o gênero poético na escola e a sugestão do poeta Mário Quintana um incentivo para a descoberta de outros poetas que dedicam seus trabalhos ao público infantil.

Para tanto, foi utilizado como base teórica a autora Maria Alberta Menéres. Ela afirma que as crianças, ao lerem um poema, imaginam cenas na mente e exercitam o poder de criar. Pelo incentivo constante da leitura de poemas, elas descobrem o conhecimento, aprimoram o gosto poético. Através do poema, pelo jogo das palavras, pode-se perceber que ele é muito próximo do brincar para a criança. Ao ler, a criança percebe as palavras, admira, imagina, pensa e sente o mundo através da linguagem.

Durante as oficinas, os poemas de Mário Quintana eram usados para motivação e, ao lerem, as crianças, além de terem contato com o livro, desenvolviam o imaginário. A motivação ocorria no início do trabalho, promovendo o incentivo para a leitura na etapa posterior. Na última etapa do trabalho nas oficinas, as crianças produziam seus próprios poemas. Com o passar do tempo, demonstravam vontade para ler, escrever e maior riqueza vocabular. A primeira produção escrita apontou dificuldades na escolha das palavras, na organização do verso e na construção do poema. As primeiras opções foram por substantivos concretos, pois elas não se aventuravam em dar asas à imaginação; era preciso algo fácil de ser representado na mente:

O bebê não gosta de ver televisão
Nem de ficar no colo
Prefere o colo ao carrinho
E de sair com o paizinho

(Yasmin)

O primeiro poema escrito pelas crianças privilegiou, como no exemplo acima citado, palavras concretas como “bebê”, “televisão”, “colo”, “carrinho”, “paizinho”, porque são fáceis para serem imaginadas e pertencem ao convívio diário delas, que moram em casas pequenas com muitos irmãos. Yasmin, por exemplo, conseguiu uma rima com carrinho fazendo o diminutivo da palavra pai. Aparece a realidade da vida delas na maioria dos poemas. Está presente a idéia da família, que precisa ocupar as crianças na frente da televisão, pois os adultos não têm com quem deixar os filhos. Em contrapartida, surge o desejo contido da menina, pela presença do pai.

Com o desenvolvimento das atividades, as crianças foram demonstrando mais facilidade para escrever, usando palavras de sentido mais amplo e conseguindo pensar na construção do verso, de modo a explorar recursos poéticos. Aconteceu a descentração da escrita, pois elas já demonstraram capacidade para escrever sobre temas do mundo, para apreciar as coisas e falar sobre elas, não somente sobre a própria realidade, como era no início, mas sobre todas as coisas, como no poema abaixo escrito por Vitor:

O primeiro dia do ano

O ano novo é bem novo
Enche tudo de mania
De esperança e fantasia
A esperança é o segredo
De esperar um mundo melhor!

(Vitor)

Como se pode observar nesse poema, o menino já atinge um nível de abstração considerável. Aparecem as palavras “esperança”, “fantasia”, “segredo” e “mundo melhor”, o que denota seu desenvolvimento interior.

Outro aspecto que revelou resultados positivos no desenvolvimento das crianças foi observado na oralidade. No primeiro encontro, as crianças responderam a uma pergunta, e a mesma foi repetida no último dia, com a intenção de registrar a evolução pessoal de cada um. Os registros finais mostraram respostas mais detalhadas e completas, as frases eram mais organizadas, as crianças mostraram facilidade para falar em poesia. Elas responderam à pergunta: Como se escreve poesia? No começo, responderam com bastante dificuldade: - *Rimando as palavras*; - *Gostando de escrever, porque é divertido*; - *Pensando para inventar* ; - *Olhando as coisas*. No

final, elas foram além: *Pode-se escrever sobre qualquer coisa; - O mundo é feito de idéias; - Os versos fazem voar o pensamento; - Para escrever tem que começar e saber apreciar as belezas* (frases ditas pelas crianças e registradas pela monitora).

O crescimento, de um modo geral, foi também observado pelas professoras de algumas crianças, com as quais foi possível contato. As professoras trabalham na Escola Estadual Coelho Neto, nas 3ª e 4ª séries. Elas mencionaram alguns fatos importantes de serem resgatados, como registro dos resultados alcançados pelas crianças no crescimento individual, tanto de aprendizagem quanto de socialização.

A mudança de atitude apareceu no surgimento do hábito da leitura, partindo do aluno o desejo de retirar livro na biblioteca: *interesse que ele tem demonstrado em pegar mais livros na biblioteca, ler mais* (transcrição da fala da Professora 2)⁸⁰. Quanto à socialização, também apareceu melhoras notadas pela professora, pois o aluno demonstrou querer fazer os trabalhos de forma mais independente e mais confiante no seu potencial: *Mas eu vejo que ele melhorou bastante, a socialização dele também; saiu um bom trabalho, pra ele que é bem dependente, ele precisa que tu esteja ali apoiando ele, e ele se deslanchou sozinho; Eu acho que esse trabalho de poesia também ajudou nessa construção* (transcrição da fala da Professora 1).

A melhora no crescimento como um todo foi observada, tanto na socialização quanto na aprendizagem. A escrita e a leitura mostraram progressos na sala de aula, segundo depoimento das professoras: *Na leitura melhorou*

⁸⁰ A entrevista integral com as professoras encontra-se em anexo. As entrevistas com as professoras foram gravadas pela pesquisadora e transcritas com a máxima fidelidade, como forma de registrar algumas considerações conclusivas sobre a pesquisa.

bastante (transcrição da fala da Professora 2). É importante ressaltar o quanto o trabalho despertou para escrita, porque ambas as professoras mencionaram o desejo deles de criar letras de música: *Não fala propriamente na poesia, mas em criar música* (transcrição da fala das Professoras 1 e 2).

Outro aspecto relevante é a satisfação das crianças quanto ao trabalho realizado, salientado tanto para a monitora quanto pela professora na escola: *Ele até disse assim, que ia ser o último encontro, então ele tava meio tristonho, porque ia acabar a atividade dele na parte da manhã* (transcrição da fala da Professora 1).

Todo o trabalho realizado com as crianças da Vila Nossa Senhora de Fátima comprovou as hipóteses iniciais elaboradas no projeto de dissertação, de que a poesia dá às crianças o poder de se apoderarem da linguagem, pela expressão do imaginário, criando oportunidades para compreenderem, criticarem e ultrapassarem a realidade, gerando possibilidades de serem criativas ao inventarem novas relações com o mundo, estabelecendo um clima de afeto com a linguagem. Em resumo, pode-se dizer que a criança aprimora a leitura, desenvolve o gosto pela escrita de poemas e amplia o vocabulário, ao conviver mais com o gênero poético.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. *Psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.

CECÍLIA, Meireles. *Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.

CLEMENTE, Elvo. *Língua, Cultura e Literatura*. Porto Alegre: PUCRS, 1994.

CLEMENTE, Elvo & FAUSTINO, João. *História da PUCRS*. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

FARACO, Sérgio. *Quem é quem nas letras riograndenses: dicionário de autores contemporâneos*. Porto Alegre: Divisão de Cultura., 1982.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 2001

MAGALHÃES, Ana Maria. *Ler ou não ler: eis a questão*. Porto Alegre: KUARUP, 1990.

MELO, Veríssimo de. *Folclore brasileiro: R. G. do Norte*. Rio de Janeiro : Ministério da Educação e Cultura, 1977.

MENÉRES, Maria Alberta. *Imaginação*. Lisboa: Difusão Cultural, 1993.

MENÉRES, Maria Alberta. *O poeta faz-se aos 10 anos*. Lisboa: Plátano, 1977.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1989.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

PIAGET, Jean. *A linguagem e o pensamento na criança*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1999.

QUINTANA, Mário. *Sapo amarelo*. São Paulo: Global, 2006.

QUINTANA, Mário. *Sapato furado*. São Paulo: FTD, 1999.

QUINTANA, Mário. *Nariz de vidro*. São Paulo: Moderna, 2003.

QUINTANA, Mário. *Lili inventa o mundo*. São Paulo: Global, 2005.

QUINTANA, Mário. *O batalhão das letras*. São Paulo: Globo, 1999.

QUINTANA, Mário. *Pé de pilão*. São Paulo: Ática, 1999.

QUINTANA, Mário: *Poesia Completa*: organização Tânia Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

QUINTANA, Mário. *Caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1977.

TORGA, Miguel. *Antologia poética*. Coimbra, 1981.

TREVISAN, Armindo. *Mário Quintana desconhecido*. Porto Alegre: Brejo, 2006.

VIEIRA, Elaine & VOLQUIND, Lea. *Oficinas de Ensino: O quê? Por Quê? Como?* Porto Alegre: PUCRS, 1996.

VIGOTSKY, L. S. *La imaginación y el arte em la infância*. Madrid: Akail, 1982.

APÊNDICES

APÊNDICE 1:

Roteiro do planejamento

OFICINA

-Nome do encontro: _____

-Dados do livro: _____

-Objetivos: _____

-Material utilizado: _____

PASSOS

1) A POESIA

-Motivação para o encontro com o texto, através de uma atividade e de um verso do poema que vai ser utilizado:

2) COMPREENDENDO

-Leitura do poema:

-Questões sobre o poema:

-Trabalho com o texto:

3) AGORA VOU CRIAR!

-Trabalho com o verso da motivação e uma atividade de fechamento que encaminhe a escrita de um poema pelo aluno:

APÊNDICE 2:

Planejamentos com poemas realizados para as crianças

1ª OFICINA: O RETRATO

-QUINTANA, Mário. *Pé de pilão*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

-Objetivos: Estimular a imaginação e a leitura, desenhar seu retrato, montar as palavras com rima no jogo de dominó; escrever um poema que fale da infância e conversar sobre a infância.

-Material utilizado: livro, material de pintura, fichas de cartolina, álbum de fotos e cartolina.

1) A POESIA: “O pato ganhou um sapato,/ foi logo tirar retrato.// O macaco retratista./ Era mesmo um grande artista”(QUINTANA, 1999, P.3).

-Escrever os versos numa cartolina, ler e comentar.

-Depois de entendido o conceito de retrato olhar um álbum de fotografias, para oportunizar um diálogo sobre a infância de cada um.

-O fechamento da etapa é a confecção de um mural com desenhos da fotografia deles.

2) COMPREENDENDO: - Ler o poema. Promover um diálogo com o grupo sobre as questões: O que o pato ganhou? Para que o pato ganhou sapato? Quem era o retratista? O que o retratista disse ao pato? Como ficou o pato para tirar foto? O que ele viu sair da máquina? O que o passarinho tinha em cada peninha? O que o passarinho disse ao pousar no bico do pato? Da gritaria dos bichos quem apareceu? Quem era a polícia? Quem era a vó do pato? Como era a vó do pato? Quem mora na floresta encantada? Por que ninguém conhece a fada mascarada? Por que a fada mudava de aparência? O que acontecia com o espelho quando ela se olhava? E com o rio? Como era o nome da vó do pato? Por onde

andava sozinha Alice? O que a fada dá a Matias? Depois de comer o doce o que acontece com Matias? O que a fada fez com Alice? Depois de transformados o que acontece com ambos? Onde o pato chegou quando saiu da floresta? Quem pega o pato? O que Rosa dá ao pato? Como é o nome do professor de Rosa? Quando o professor ergue o dedo o que acontece com Rosa? Quem responde a pergunta sobre tabuada no lugar de Rosa? Quem chega pela tarde no jardim? Como era o nome da andorinha? O que a andorinha viu do alto? O que o pato pede para andorinha levar? Qual a ordem que os bichos vão para prisão? Eles ganharam comida? Onde fica a prisão? O que acontece com a pança? O que acontece enfim? Quando a turma segue o que acontece com a estrada? Como era a cascavel? O que era ouvido quando ela estava no galho? Quem viu a cobra primeiro? O que o macaco faz com a cobra? O que o macaco pega no bolso? O que o macaco fez com o cavalo da polícia? O que acontece com os animais quando o céu escurece? Onde foram deitar os bichos na capela? O que a velha faz ao entrar na capela? Durante a noite o que acontece com Matias e com sua avó?

- Circular palavras desconhecidas, discutir com o grupo o significado e procurar no dicionário.

- Jogo de dominó com as palavras do poema: sapato-retrato; retratista-artista; mexa-queixa; graça-massa; direitinho-passarinho; saiu-viu; topete-sete; tinha-peninha; barulho-engulho; pato-retrato; só-vó; parava-gritava; polícia-delícia; vento-momento; meia-cadeia.

3) AGORA VOU CRIAR!: Fazer uma retomada breve do poema e salientar novamente os versos iniciais, que abrem e fecham o trabalho. “O pato

ganhou um sapato,/ foi logo tirar retrato.// O macaco retratista./ Era mesmo um grande artista”(QUINTANA, 1999, P.3).

-A partir dos versos brincar de fotógrafo, um tirando retrato do outro e falando uma palavra sobre infância.

-Como conclusão escrever um poema sobre infância.

2ª OFICINA: A CRIAÇÃO

-QUINTANA, Mário. *Sapo amarelo*. São Paulo: Global, 2006.

-Objetivos: Estimular a imaginação e a leitura; elaborar uma personagem; ler e desenhar as frases; identificar a ordem das frases no poema; escrever um poema sobre a personagem elaborada e conversar sobre como podemos ser feliz.

- Material utilizado: papel pardo, material de pintura, livro, cola e tesoura.

1) A POESIA: “E vai daí o Anjo dos últimos Desejos, que, como todos sabem, atende pelo nome de Azrafel, compadeceu-se muito e imediatamente satisfez as curiosidades do pobre homem, transformando-o num fantasma dentro de um disco voador” (QUINTANA, 2006, P.4).

-Mostrar os versos lendo no livro. Essa parte do poema de Quintana mostra uma transformação.

-Realizar com o grupo a criação de uma personagem em papel pardo. Fazer o contorno de um corpo, e com material reciclável transformar a figura, acrescentando muitos detalhes ao boneco(a), inclusive um nome.

-Falar oralmente características que podem tornar o boneco feliz.

2) COMPREENDENDO: - Ler o poema. Responder algumas perguntas: Para quem o homem costumava queixar-se? Qual era a queixa do homem? O que o homem diz que todos já viram? Como é o nome do último anjo dos desejos? O que o anjo Azrafel fez?

- Escrever numa folha a lista de palavras desconhecidas encontradas no poema. No grande grupo verificar quem conhece a palavra, e o que ela significa.

- Escrever em fichas os versos destacando algumas palavras: Cada grupo pega uma ficha e faz um desenho sobre o verso e depois escreve ao lado da palavra sublinhada outras que rimem. Ler no grande grupo os versos. Colar num painel as fichas fazendo a seqüência que aparece no poema.

3) AGORA VOU CRIAR!: “E vai daí o Anjo dos últimos Desejos, que, como todos sabem, atende pelo nome de Azrafel, compadeceu-se muito e imediatamente satisfez as curiosidades do pobre homem, transformando-o num fantasma dentro de um disco voador” (QUINTANA, 2006, P.4).

-Propor que escrevam com o nome da figura construída na motivação um poema, em forma de acróstico.

3ª OFICINA: A CONTEMPLAÇÃO

-QUINTANA, Mario. *Lili inventa o mundo*. São Paulo: Global, 2005

-Objetivos: Estimular a imaginação e a leitura; ler as palavras e relembrar a poesia; escrever um poema sobre o dia; brincar de estátua e conversar sobre o dia.

-Material utilizado: livro.

1) A POESIA: O poema “Conto de todas as cores” fala da contemplação de algo diferente e que foi inventado. “Eu já escrevi um conto azul, vários até.// Mas este agora é um conto de todas as cores” (QUINTANA, 2005, P.12). Ler os versos escritos no quadro. Sentar na rua para contemplar o dia. Cada um vai dizendo palavras sobre o dia, até que as idéias acabem.

2) COMPREENDENDO: - Ler o poema. Discutir alguns pontos. Que cor tinha o conto escrito? Como é a menina, menino, negrinho e o cachorro? Quem o senhor prefeito nomeou? Como estava a Comissão de Doutores? Sobre o que foi a discussão da comissão? O que o cachorro disse para a comissão?

- Disputa do significado das palavras: dois grupos listam palavras desconhecidas para que o grupo rival explique o significado, marcando ponto o grupo que acertar.

- Cantar o poema lido em grupo, com um ritmo escolhido por eles. Depois de ouvir e cantar, brincar de estátua com a música. Num segundo momento a monitora canta, e quando a música parar, o grupo deverá dizer uma outra palavra que rime com a última palavra cantada.

3) AGORA VOU CRIAR!: “Eu já escrevi um conto azul, vários até.// Mas este agora é um conto de todas as cores” (QUINTANA, 2005, P.12). Reler os versos. E a conclusão é a elaboração de um poema sobre o dia.

-Todos juntos vão construir a primeira frase do poema. É importante que o grupo perceba que a última palavra da frase inicia o próximo verso, uma nova frase. E assim sucessivamente.

4ª OFICINA: O AQUÁRIO

-QUINTANA, Mario. *Lili inventa o mundo*. São Paulo: Global, 2005.

-Objetivos: Estimular a imaginação e a leitura; perceber a seqüência do poema; escrever um poema usando os números; entender o significado das palavras e conversar sobre pescaria.

-Material utilizado: livro, caixa, papel colorido, serragem e material de pintura.

1) A POESIA: “Era uma vez um homem que estava pescando, Maria. Até que apanhou um peixinho! Mas o peixinho era tão pequenininho e inocente, e tinha um azulado tão indescritível nas escamas, que o homem ficou com pena” (QUINTANA, 2005, P.20).

-Escrever os versos numa caixa forrada e cheia de serragem (como um aquário), ler os versos. Fazer dobraduras de peixes e colocar no aquário.

2) COMPREENDENDO: - Ler o poema no livro e responder a alguns questionamentos. Como é o peixinho que o homem pescou? Qual foi o sentimento do homem ao ver o peixinho? O que ele fez depois de olhar o peixinho? Como ficou o relacionamento do homem com o peixinho? Como viviam o homem e o peixinho no dia-a-dia? O que aconteceu no dia em que ambos passeavam pelo rio? O que o homem decidiu sobre o destino do peixinho? Como iria ficar o homem depois da separação? O que aconteceu com o peixinho ao ser jogado no rio?

- Brincar de cada peixe no seu aquário. Desenhar círculos no chão que são aquários para os peixes, sendo que uma criança fica sem aquário e essa vai gritar: “cada peixe no aquário”, todos correm para achar um aquário, quem sobrar vai gritar e a brincadeira recomeça.

- Conversar sobre pescaria.

- Fichas contendo palavras e o seu significado separadamente. O grupo deve ler a palavra e colar no cartaz, ir preenchendo palavra e significado até o fim das fichas.

- Em fichas escrever os versos do poema. As crianças devem colar num painel na ordem que acontece no poema. Tentar montar uma nova seqüência.

3) AGORA VOU CRIAR!/: “Era uma vez um homem que estava pescando, Maria. Até que apanhou um peixinho! Mas o peixinho era tão pequenininho e inocente, e tinha um azulado tão indescritível nas escamas, que o homem ficou com pena” (QUINTANA, 2005, P.20). Propor que escrevam um poema tendo como início os números (contar com eles o número de peixes do aquário). Que será a idéia inicial para escrita, como um acróstico, só que de números.

5ª OFICINA: O ALFABETO

-QUINTANA, Mario. *O batalhão das letras*. São Paulo: Ática, 1999.

-Objetivos: Estimular a imaginação e a leitura; escrever coletivamente um poema; reconhecer a seqüência do alfabeto e conversar sobre a beleza do dia.

-Material utilizado: cola, tesoura, papel prateado, faixa do alfabeto, saco de tecido, fichas de papel, som e cd.

1) A POESIA: “E todas as vinte e seis letras/ que aprendeste num segundo/ são vinte e seis estrelinhas/ brilhando no céu do mundo!” (QUINTANA, 1999).

- Num papel preto, com os versos escritos na parte superior, ler, recortar e colar estrelas. Listar no quadro diferenças entre o dia e a noite. Estabelecer preferências com justificativa da escolha.

2) COMPREENDENDO: - Ler o poema e conversar sobre algumas situações. O que podemos fazer com as letras? Quem comanda o batalhão? O que é batalhão? O que pode se jogar com b? Por que o cachorro é amigo das crianças? Quando o dedo é mau sábio? Por que a escola é a esperança? Quando as crianças são malcriadas? O que gira com a letra g? O que importa na vida? Como é o índio? Como é o lar do casal na lareira? Qual a letra parece abobalhada? Qual letra de tão mentirosa criou rabo? Que letra tem o formato de uma cobra?

- Escrever numa folha a lista de palavras desconhecidas. No grande grupo verificar quem conhece a palavra, e o que ela significa.

- Tendo espalhado no chão uma faixa do alfabeto, com bolsos escritos na frente a letra, e um saco com palavras do poema. Às crianças vão colocar na faixa as palavras correspondentes ao bolso correto olhando a primeira letra. Ao som de uma música o saco vai passando de mão em mão, quando pára é o momento de

pegar a palavra. Logo depois ler a palavra e em seguida dizer outra que rime colocando-a no bolso da letra correspondente.

3) AGORA VOU CRIAR!: “E todas as vinte e seis letras/ que aprendeste num segundo/ são vinte e seis estrelinhas/ brilhando no céu do mundo!” (QUINTANA, 1999).

-A palavra mundo será escrita grande no quadro. Essa palavra serve de estímulo para conversar sobre as diversas coisas existentes.

-Combinar com o grupo o assunto do poema do dia, escolhendo dentre os que foram levantados na conversa.

-Propor a escrita de um poema coletivo, e passando de mesa em mesa cada um deve escrever a continuação, até todos decidirem seu fim.

6ª OFICINA: BRINQUEDO

-Quintana, Mário. *Nariz de vidro*. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

-Objetivos: Estimular a imaginação e a leitura, escrever um poema sobre brinquedo, conversar sobre as brincadeiras preferidas.

- Material utilizado: garrafa plástica, barbante, bolinha de meia e material de pintura.

1) A POESIA: “Recordo ainda... E nada mais me importa.../ Aqueles dias de uma luz tão mansa/ Que me deixavam, sempre, de lembrança,/ Algum brinquedo novo à minha porta”(QUINTANA, 2003, P.42).

- Confeccionar um bilboquê com a parte superior da garrafa peti, com barbante e bola de meia nylon.

-Numa conversa informal falar sobre brincadeiras, do tempo dos pais, que eles ouviram ou conhecem.

-Questionar com quais brincadeiras e brinquedos eles brincam em casa, na escola, na rua.

2) COMPREENDENDO: - Ler o poema e conversar sobre ele. O que mobilizava a lembrança? O que vinha a lembrança? O que soprou o vento? O que foi pendurado na galharia? Quem vai pela estrada? O que aconteceu de repente com o menino?

- Escrever o poema no quadro. Circular as palavras desconhecidas, discutir com o grande grupo sobre o significado delas.

- Brincar com o bilboquê.

3) AGORA VOU CRIAR!: “Recordo ainda... E nada mais me importa.../ Aqueles dias de uma luz tão mansa,/ Que me deixavam, sempre, de lembrança,/ Algum brinquedo novo à minha porta”(QUINTANA, 2003, P.42).

-Desenhar o formato de um bilboquê em cartolina e dentro escrever os versos.

-Escrever um poema sobre o dia da criança, no formato do brinquedo construído..

7ª OFICINA: PAPEL BRANCO

-QUINTANA, Mário. *Sapo amarelo*. São Paulo: Global, 2006.

-Objetivos: Estimular a imaginação e a leitura, escrever um poema sobre papel branco, desenhar alguma coisa à partir de riscos e conversar sobre bichos de estimação.

- Material utilizado: caixinhas, material de pintura, tesoura e cola.

1) A POESIA: “Uma formiguinha atravessa, em diagonal, a página ainda em branco. Mas ele, aquela noite, não escreveu nada. Por quê? Se por ali já havia passado o frêmito e o mistério da vida...” (QUINTANA, 2006, P.28).

- Ouvir a música: “O Danúbio Azul”. Enquanto vão escutando riscam numa folha branca conforme o ritmo.

- Tentar montar com os riscos uma figura.

-Conversar com o grupo sobre bichos em geral, e depois sobre os de estimação.

2) COMPREENDENDO: - Ler o poema.

- Questionar as crianças: Quem atravessou a página? Como a formiga passou pela página? Como era a página? O que foi escrito por ele naquela noite? Por que não precisava escrever na página branca aquele dia?

- Escrever o poema num cartaz deixando algumas palavras faltando. Escrever as palavras (diagonal, frêmito, mistério) em fichas. Ao ler com o grande grupo o poema preencher as lacunas. Ver com eles o significado das palavras e a possibilidade da troca por outras que rimem.

3) AGORA VOU CRIAR! “Uma formiguinha atravessa, em diagonal, a página ainda em branco. Mas ele, aquela noite, não escreveu nada. Por quê? Se

por ali já havia passado o frêmito e o mistério da vida...” (QUINTANA, 2006, P.28).

- Entregar uma folha e pedir que escrevam um poema sobre papel branco.

8ª OFICINA: CRIANDO

-QUINTANA, Mário. *Sapo amarelo*. São Paulo: Global, 2006. p.15

-Objetivos: Estimular a imaginação e a leitura e escrever um poema em forma de ideograma, realizar um jogral com o poema, conversar sobre fantasmas.

-Material utilizado: material de pintura, tesoura, cola e revistas.

1) A POESIA: “Desconfio muito que nos dias de nevoeiro os fantasmas aproveitem para passear incógnitos pelas ruas” (QUINTANA, p.15).

- Mostrar o livro *111 poemas para crianças*, do Sérgio Capparelli, na parte de poemas visuais; para eles entenderem o que é um ideograma. Tentar formar uma imagem com letras de revista.

2) COMPREENDENDO: -Ler o poema e responder alguns questionamentos: Como foi o sono daquela noite? Quem os fantasmas vêem? Do que ele desconfia muito? Quem passeia incógnito pela rua?

- Fazer um jogral com os versos do poema. De cada verso escolher uma palavra desconhecida para conversar sobre seu significado.

- Conversar sobre a existência de fantasmas.

3) AGORA VOU CRIAR! “Desconfio muito que nos dias de nevoeiro os fantasmas aproveitem para passear incógnitos pelas ruas” (QUINTANA, p.15).

-Substituir a palavra fantasmas por uma outra qualquer.

-Cada um vai ler como ficou a sua sugestão.

-Escrever um poema em forma de ideograma, usando as palavras que substituíram o vocábulo fantasma.

9ª OFICINA: PINTURA

-QUINTANA, Mário. *Sapo amarelo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

-Objetivos: Estimular a imaginação e a leitura, escrever um poema sobre pintura, pintar uma ponte e fazer uma encenação sobre o poema.

- Material utilizado: imagem do quadro, tinta, papel e pincel.

1) A POESIA: “Era uma vez um pintor aqui de porto Alegre. Costumava pintar eternamente a Ponte do Riacho” (QUINTANA, 2006, P.25).

-Mostrar na Internet o quadro de Monet (Waterlilies) para apreciação.

-Pedir que digam coisas que venham a mente ao olhar a pintura.

-Pesquisar a biografia do pintor.

-Pintar com tinta guache uma ponte.

2) COMPREENDENDO: - Ler o poema e conversar sobre ele: Quem era o personagem da poesia? O que ele pintava eternamente? Qual era sua última tela? O que costuma fazer o artista? O que ele trouxe impresso no traseiro?

- Reescrever o poema substituindo algumas palavras, combinadas previamente.

-Representar para o grupo o poema em forma de encenação, com um narrador.

3)AGORA VOU CRIAR! “Era uma vez um pintor aqui de porto Alegre. Costumava pintar eternamente a Ponte do Riacho”(QUINTANA, 2006, P.25).

-Escrever um poema sobre pintura.

10ª OFICINA: AUTOBIOGRAFIA

-QUINTANA, Mário. *Sapo amarelo*. Porto Alegre: Mercado Aberto,1993.

-Objetivos: Estimular a imaginação e a leitura, escrever um poema sobre autobiografia, conversar sobre poluição e desenhar um riacho sem poluição.

- Material utilizado: livro, fotografia, material de pintura.

1) A POESIA:“Tenho 9 anos. Meu nome é Gravilo. Meu professor só hoje me permitiu uma ida ao Jardim Botânico, por causa da minha redação sobre a fórmula de Einstein” (QUINTANA, p.34).

- Ler a biografia completa de Monet. Mostrar ao grupo a fotografia do riacho da vila⁸¹ onde eles moram, conversar sobre a poluição e abrir espaço para um diálogo livre.

-Propor que em grupo desenhem como deveria estar o riacho da vila.

2) COMPREENDENDO: - Ler o poema e debater alguns pontos: Qual era o nome do personagem? Onde o professor permitiu que ele fosse? Ele fez uma redação sobre quem? Por que sua redação foi elogiada? Com que idade ele deveria ter começado a escrever seu diário? O que havia no jardim botânico? Com que idade o diário será queimado? O que Dona Programática explicou sobre o diário? O que o professor de redação fala sobre os diários?

- Reescrever o poema trocando o personagem. Ler como ficou para os colegas.

3) AGORA VOU CRIAR! “Tenho 9 anos. Meu nome é Gravilo. Meu professor só hoje me permitiu uma ida ao Jardim Botânico, por causa da minha redação sobre a fórmula de Einstein” (QUINTANA, p.34).

-Escrever a autobiografia em forma de poema.

11ª OFICINA: O SUSTO

-QUINTANA, Mário. *Sapato furado*. São Paulo: FTD, 1994. p.24

-Objetivos: Estimular a imaginação e a leitura, escrever um poema sobre algo que cause susto e conversar sobre o desenho do Gasparzinho.

⁸¹ Durante a semana fui à vila tirar fotos do riacho, que está tomado de lixo.

- Material utilizado: filme, cabide, cordão, material de pintura, fita vhs.

1) A POESIA: “Um velho casarão bem-assombrado/ aquele que habitei ultimamente” (QUINTANA, 2006, P.24). Depois de ler o verso escrever coisas que provocam susto.

-Ver o filme do Gasparzinho no vídeo cassete.

-Conversar sobre a postura amigã do Gasparzinho e a dos companheiros fantasmas que só queriam dar sustos em todos.

-Fazer um móbile com cabide, de monstros, fantasmas, vampiros e etc.

2) COMPREENDENDO: - Depois de ler o poema conversar sobre ele: Como era o casarão? O que acontece com as correntes e com o espelho? Como eram as moças? O que houve com as velhinhas?o que aconteceu com a casa? Onde será marcado novo encontro?

- Reescrever o poema trocando as palavras sublinhadas por outras que rimem.

3) AGORA VOU CRIAR! “Um velho casarão bem-assombrado/ aquele que habitei ultimamente” (QUINTANA, 2006, P.24).

-Escrever o verso acima e cortar em partes formando um quebra-cabeça para eles montarem.

-Escrever um poema que cause susto.

12ª OFICINA: SE EU FOSSE...

-QUINTANA, Mário. *Nariz de vidro*. São Paulo: Moderna, 2003. p.52

-Objetivos: Estimular a imaginação e a leitura, escrever um poema com a personagem criada, fazer um teatrinho com fantoche.

- Material utilizado: palito de picolé, material de pintura, tesoura e cola.

1) A POESIA: “Se eu fosse um padre eu citaria os poetas.// Rezaria seus versos, os mais belos,/ desses que desde a infância me embalaram/ e quem me dera que alguns fossem meus!// Porque a poesia purifica a alma/... e um belo poema – ainda que de Deus se aparte –/ um belo poema sempre leva a Deus!” (QUINTANA, 1994, P.52).

-Completar a frase que dá nome ao poema com a personagem.

- Depois representar aos colegas a personagem através da dramatização.

- Fazer um fantoche, que represente o desejo pessoal de ser. Dar um nome a personagem.

2) COMPREENDENDO: - Ler e discutir sobre algumas questões: Nos sermões o que ele não falaria? Se fosse um padre o que ele não citaria? Citaria o que em seus sermões se fosse um padre? Por que ele escolheu a poesia?

- Montar um teatrinho com o fantoche criado na motivação.

- Reescrever o poema trocando a personagem pela escolhida na motivação, organizando o poema.

3) AGORA VOU CRIAR!: “Se eu fosse um padre eu citaria os poetas.// Rezaria seus versos, os mais belos,/ desses que desde a infância me embalaram/ e

quem me dera que alguns fossem meus!// Porque a poesia purifica a alma/... e um belo poema – ainda que de Deus se aparte – /um belo poema sempre leva a Deus!” (QUINTANA, 1994, P.52).

-Fazer um poema pensando na personagem criada na motivação.

13ª OFICINA: POEMA

-QUINTANA, Mário. Mário. *Nariz de vidro*. São Paulo: Moderna, 2003.

-Objetivos: Estimular a imaginação e a leitura, escrever um poema com o título: “Poema”. Desenhar no cartaz as idéias levantadas, montar o poema partindo das palavras soltas e conversar sobre os poemas favoritos.

- Material utilizado: papel pardo e material de pintura

1) A POESIA: “Os poemas são pássaros que chegam/ não se sabe de onde e pousam/ no livro que lê” (QUINTANA, 1994, P.18).

-Através de uma conversa informal lembrar os poemas preferidos de cada um.

-O que vocês acham que significa a palavra poema? Registrar num cartaz as idéias e desenhar ao lado de cada uma.

2) COMPREENDENDO: - Ler o poema e discutir sobre ele: O que são os poemas? O que acontece com os poemas quando fechamos o livro? Como os poemas se alimentam? Como é um poema? O que cria sua angústia como poema?

- Recortar todas as palavras do poema, dando ao grupo para montar na ordem correta.

3) AGORA VOU CRIAR! “Os poemas são pássaros que chegam/ não se sabe de onde e pousam/ no livro que lê” (QUINTANA, 1994, P.18).

-Escrever um poema com o título: “Poema”. Podendo utilizar o cartaz produzido no início da atividade para ter idéias.

14ª OFICINA: NATAL

-QUINTANA, Mário. Mário. *Lili inventa o mundo*. São Paulo: Global,

-Objetivos: Estimular a imaginação e a leitura, escrever um poema sobre natal, completar o poema e conversar sobre o natal.

- Material utilizado: cartaz , material de pintura e revistas.

1) A POESIA: Discutir o real sentido do natal e falar de esperança foi muito proveitoso como encerramento do trabalho nas oficinas. “Silêncios. Sinos. Apelos. Sinos.// E sinos. Sinos. E sinos. Sinos.//Pregoeiros. Sinos. Risadas. Sinos.// E levada pelos sinos,/ todo ventando de sinos,/ dança a cidade no ar!”(QUINTANA, 2005, P.39).

- Votar com o grupo qual é o representante do natal, depois montar um painel.

-Conversar com o grupo sobre o natal e anotar informações significativas no cartaz.

2) COMPREENDENDO: - Ler o poema e responder algumas questões: O que os anjos faziam? E os outros anjos o que faziam? O que a mão corria ansiosa? Como era a paisagem familiar? O que os sinos faziam? O que dança no ar?

- Fazer um cartaz com o poema e algumas palavras faltando. Em aparas escrever as palavras que completam os versos, que serão misturadas, para serem encontradas e coladas no lugar correto.

3) AGORA VOU CRIAR! “Silêncios. Sinos. Apelos. Sinos.// E sinos. Sinos. E sinos. Sinos.// Pregoeiros. Sinos. Risadas. Sinos.// E levada pelos sinos,/ todo ventando de sinos,/ dança a cidade no ar! ”(QUINTANA, 2005, P.39).

-Escrever um poema sobre natal.

15ª OFICINA: ESPERANÇA

-QUINTANA, Mário. Mário. *Lili inventa o mundo*. São Paulo: Global, 2005.

-Objetivos: Estimular a imaginação e a leitura, escrever um poema sobre esperança, recortar e colar gravuras que representem esperança e encenar alguns versos.

- Material utilizado: cartaz , material de pintura e revistas.

1) A POESIA: “Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano/ mora uma louca chamada Esperança:/ E quando todas as buzinas fonfonam/ quando todos os reco-recos matracam/quando tudo berra quando tudo grita quando tudo apita/ a louca tapa os ouvidos atira-se”(QUINTANA, 2005, P.37).

-Fazer um mural com gravuras de revista que representem esperança.

2) COMPREENDENDO:- Ler o poema e perguntar: Onde mora a esperança? Por que ela tapa os ouvidos? Quem pergunta o nome da menina? O que a menina responde a pergunta feita pelo velho?

- Representar encenando o poema com diversas personagens, mudando a fala para recitar (num saco algumas sugestões: nenê, gago, juventude, devagarinho, ligeirinho, alto, baixo...).

3) AGORA VOU CRIAR! “Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano/ mora uma louca chamada Esperança:/ E quando todas as buzinas fonfonam/ quando todos os reco-recos matracam/ quando tudo berra quando tudo grita quando tudo apita/ a louca tapa os ouvidos atira-se”(QUINTANA, 2005, P.37).

-Em faixas escrever os versos e entregar ao grupo que deve colar na ordem correta num cartaz.

-Escrever um poema sobre esperança.

ANEXOS

ANEXO 1:

Poemas escritos pelas crianças do CLIC

Artista

Ser criança
É ser artista
Porque no tempo da escola é pessimista
Mas no sonho é tudo bonito
Como num retrato

(Elias)

O nenê não brinca de brinquedo
Nem de ver televisão no berço
Ser nenê é chato

(Felipe)

O bebê não gosta de ver televisão
Nem de ficar no colo
Prefere o colo ao carrinho
E de sair com o paizinho

(Yasmin)

P ato é preto
E ngoliu o sapato

P ato esperto
E sperto
Q ue nem um avião
U m enorme trapalhão
E ncontrou
N o galinheiro um enorme
O vo

(Bruna)

P ato pequeno
E ngoliu uma
P edra pequenina
E num ato de amizade feminina
Q uando chamo
U m amigo
E sse amigo briga
No plural com a amiga
O diando ela então.

(Elias)

O dia

O dia de hoje está ensolarado
Ensolarado só no poente
Poente só quando o sol
Está doente.

(Fernanda)

O dia de hoje está ensolarado
Ensolarado é a cor do sol
O sol é bem amarelo
Amarelo é uma cor bonita
Bonita sou eu
Eu sou uma flor
Flor bem rosinha
Rosinha é minha tia
Tia Rosinha é bem bonitinha
Bonitinha também a tia Ana
Ana pede então uma banana
Banana é amarela
Amarela da cor do sol e a mais bela delas.

(Tamires)

1 peixe no mar
 2 vão ao bar
 E 3 não vão a nenhum lugar
 4 juntos vão pescar
 Pra 5 não ficar
 6 não no mar, porque
 Com 7 não vou morar.

(Thais)

1 dia sem querer te descobri
 No 2° te vi
 No 3° me aproximei
 No 4° então te beijei
 No 5° te adorei
 No 6° nunca mais te largarei
 No 7° contigo para sempre ficarei.

(Tamires)

Rodrigo e as letras
 Às vezes penso no alfabeto.
Bem pouco eu penso.
Com a caneta escrevo
Dedo duro,
E não dedo mole.
Fiz um curativo no dedo mole, aguentei a dor.
Hoje a dor passou,
I daí voltou.
Já podia estar curado.
Livre daquela dor.
Amanheci sem nenhuma dor,
 Nunca vi dor igual.
O que vou fazer sem dor?
Primero vou caminhar,
Quem sabe até correr.
Rodrigo correu até cansar
Saindo do parque quando o tênis estourou.
Tarde ficou!
 Um amigo urso encontrou
 -Vamos a minha casa amigo urso?
 -**X**i, não posso.
 -**Z**enaide minha mãe não deixa.

(Texto Coletivo)

Brincadeira de criança
A criança gosta de brincar com
Com seu brinquedo favorito
Favoritos de A até o Z
Com A escrevo avião
B escrevo bola
C escrevo
carrinho
D escrevo
dado
E escrevo
encaixe
F escrevo
ferrorama
G escrevo
gaita
H escrevo
helicóptero
E a brincadeira
Vai até o
Z.

(Cristiano)

Sou criança
Aquela criança que nasceu em mim.
Ela era bela como uma flor.
Uma flor muito rosinha
Rosinha bem bonitinha
Bonitinha porque é
Uma criancinha
Agora chega
de Inha.
Porque a
criancinha
cresceu
Cresceu
muito bela.
Bela mas
não amarela
como o
sol.

(Tamires)

Papel branco

Aquele era um papel branco
Branco como borracha.
Borracha bem branquinha.
Branquinho que nem o papel
Papel branquinha é sem graça.
Graça quando nele escrevemos
Escrevemos com o lápis
Lápis coisas engraçadas escreve.
Escreve o que é alegre e triste.
Triste não quero escrever.
Escrever para mim é sempre alegria.

(Tamires)

Papel branco

Papel branco é sem graça
Graça termina com A
Com A escrevo mil palavras
Quinhentas palavras são sem graça
Quinhentas palavras são com graça
Com graça ou sem graça
Sempre assim vamos escrever.

(Vitor)

TAMIRAS

Geofama TOMANUÃ

Data: 24/10



A ponte de Monet

Andei de barco no riacho
Quando tinha um solação
Ninguém agüenta o solação
Prá andar de barco no riacho.

(Gabriel)

A ponte Monet

Acho o riacho bonito
Riacho apareceu num trabalho de Monet
Monet era pintor
Pintor muito famoso
Que faz até dar gosto
Gosto da sua pintura
Que só tinha belezura!

(Vitor)

Diário de mentiras
Um dia eu menti
Menti estar doente
Para não ser estudante
Menti estar com dor de dente
E voltei para casa antes do poente
Menti até no colégio ontem
Que uma briga era uma brincadeira.

(Cristiano)

O fantasma assustador

Quando o fantasma assusta
Deixa tudo bagunçado
Quando ele não assusta
deixa tudo arrumado.

(Vitor)

O fantasma trapalhão

Atrapalhado não encontra nada
Nem as crianças da vizinhança
Porque só quer saber de andança.

(William, Leonardo, Fernanda)

O fantasma bobo

No dia que o fantasma foi assustar
Uma criança não encontrou
E bobo ficou
Que até tropeçou
E caiu de cara no buraco.

(Cristiano)

Se eu fosse...

Se eu fosse um corredor de fórmula um
Eu seria o número um
Um mais veloz
Um mais experiente
Um campeão
É isso que eu desejo ser
Para poder festejar
Um primeiro lugar

(Vitor)

Se eu fosse....

Se eu fosse um jogador de futebol
 Eu levaria a festa para todo torcedor
 Como festa, na Espanha não tem bar
 Só tem bebida para tomar com a minha
 amiga

(Cristiano)

Poema

O poema é como um beijo
 Acontece e eu nem vejo
 Vem rápido
 Assim também vai embora

(William, Fernanda e Leonardo)

O poema

O poema é poemático
 Quando rima
 Deixa tudo rimático
 Dá vida a cada palavra
 Deixando tudo enigmático.

(Vitor)

O poema

O poema é a paixão que vem direto do coração
 O poema é alegria que a todos contagia
 Tanto o poema quanto o amor vem e dá calor
 Assim como poema vem, vai embora
 Sobrando o livro na mão

(Cristiano)

Sinos de natal

O natal é alegre
 Alegre quando vem
 Triste quando vai
 Quando o natal vai embora
 Nem ao menos dá tchau.

(Cristiano)

O natal é glacial
 Um natal é glacial
 Glacial é legal
 O natal também é bom
 As pessoas ficam felizes
 Na hora de dar Feliz Natal
 É quando tudo fica legal.

(Vitor)

O primeiro dia do ano
 O ano novo é bem novo
 Enche tudo de mania
 De esperança e fantasia
 A esperança é o segredo
 De esperar um mundo melhor!

(Vitor)

O ano novo
 O ano novo é alegria
 Que tudo parece fantasia
 O ano novo é a paixão
 Que vem direto do coração
 Mas uma paixão sincera
 Que vem e nem espera.

(Cristiano)

ANEXO 2:

Entrevistas

1- Então assim oh! Ele tá bem interessado, ele comenta muito sobre o CLIC, as atividades que ele faz lá, fala da professora.

Do que ele realiza lá, ele com os colegas, ele não fala diretamente prá mim, com os colegas ali perto dele ele fala: hoje eu fiz isso, fiz aquilo, a poesia é essa, né, ele comenta muito e como eu tô na frente, pertinho, eu fico ouvindo, ele está bem empolgado, sabe. Ele até disse assim que ia ser o último encontro então ele tava meio tristonho, porque ia acabar a atividade dele na parte da manhã.

Mas eu vejo que ele ficou mais interessado, até a gente fez um trabalho, um livrinho, até podia ter trazido prá te mostrar. Então eu fiz assim em duplas, porque eles gostam muito de trabalhar com o outro colega, mas ele quis ficar sozinho. – Vou fazer sozinho. – Ah, se quer fazer sozinho, pode fazer tranqüilo, aí ele disse que ia fazer tipo uma letra de música, ele começou a rimar algumas coisas, ele tentou rimar, lógico que muitas não casaram ali, né, e saiu um bom trabalho, pra ele que é bem dependente, ele precisa que tu esteja ali apoiando ele, e ele se deslanchou sozinho.

Eu acho que esse trabalho de poesia também ajudou nessa construção, né, que quando eu montei o livrinho cada um fez seu trabalho e aí fizeram um desenho em cima daquilo, né, e ele ficou super feliz, porque tava ali a escrita dele com o nome dele, produção dele, então ele ficou bem empolgado.

Então esse trabalho do CLIC ajudou bastante, porque ele é um menino que não gosta muito de escrever, sabe, ele é “preguiçoso”, sabe, se tu der em

cima ele vai, se deixar por conta dele, ele não produz muito, tem que tá sempre: - Vamo lá, vamo lá, tem que fazer.

Com esse trabalho do CLIC ele ficou mais animado, mais empolgado para realizar as coisas, mais até no português, porque ele era melhor em matemática, né, daí ele relaxou um pouco na matemática e melhorou no português.

Lógico ele tem bastante problema de transcrição da fala, que é normal na idade. Mas eu vejo que ele melhorou bastante a socialização dele também, ele era muito assim: - Se eu dou mais atenção prá um e não der atenção prá ele, ele fica beijudo. – A senhora fez com ele e não fez comigo, chamou o fulano no quadro e não me chamou, sabe, coisas mínimas.

Agora ele tá conseguindo, sabe: - Espera tua vez eu vou te chamar, tem mais exercícios. Nesse sentido ele evoluiu bastante, no início do ano ele era super carente, continua sendo até por problemas familiares, mas ele tá melhor, antes ele não deixava tocar nele, ele era assim, parece incrível, mas ele era assim. Ele sentia necessidade de ter atenção, mas ao mesmo tempo ele não queria a proximidade, aquela função do apego: - Se eu me aproximo muito dela eu vou perder, né.

Na leitura melhorou bastante, na escrita tem esses problemas de transcrição que eu falei. A interpretação tem que puxar mais ainda, eles lêem assim corrido: - Presta atenção, não entendeu lê mais uma vez, não entendeu a segunda, a terceira. Eles tem muita preguiça de ter que ler mais de uma vez.

- Ah, professora não entendi. – Ah, não entendeu, tu mal leu, lê de novo.

Às vezes eu tenho que ler três, quatro vezes uma coisa para poder entender, é normal a gente não entender na primeira, né. Mas eles acham que na primeira eles tem que entender, se dar bem, não é assim, se não aqui é para aprender a ler, interpretar, porque ler não é só decifrar as letrinhas, mas entender o que tá lendo, essa parte ele melhorou.

Hoje mesmo ele fez uma prova de português e ele: - Ah, não entendi. – Então lê de novo, que tu vai entender, não vou te explicar mais, fui meio ríspida, aí ele virou ficou meio beicudo e fez.

Eu acho que ele precisava amadurecer, eu acho que nisso o CLIC ajudou ele, nesse sentido, eu não sei como vocês trabalham lá. Ele traz bastante informação para os colegas e ele socializa aquilo ali, né, aquela informação que ele recebe lá, pro grupinho dele ali, sabe: - Hoje eu fiz isso, eu fiz aquilo, a gente trabalhou assim, assado. Lógico que eu não entro até para não me meter, eu fico ouvindo de longe, nem fico muito perto, prá não quebrar aquele diálogo deles, ele ficou bem interessado e tomará que no ano que vem ele continue, porque ele precisa disso.(Professora I)

2- O que eu notei principalmente agora no 2º semestre, no final do 2º semestre é o interesse que ele tem demonstrado em pegar mais livros na biblioteca, ler mais.

A leitura dele realmente deu uma melhorada, perto do que estava no início do ano, ele cresceu bastante.

Quanto a parte escrita ele continua com alguns problemas, mas isso a gente sabe que com o tempo vão melhorar, mas esse interesse em ler ele cresceu bastante. Na parte de escrita ele avançou, mas eu não posso dizer que foi um crescimento muito grande ou que foi um crescimento significativo.

Não fala propriamente na poesia, mas em criar música, ele tem um grupinho que ele gosta de conviver mais na sala de aula, que seguidamente ele se propõe a fazer letras de música, seguidamente ele me fala: - Olha professora nós fizemos música hoje, a senhora dá uma olhada. Outras vezes eu só sinto que eles estão falando a esse respeito, combinando alguma coisa para isso acontecer.

Ele é uma criança que gosta de se comunicar, além de se expressar oralmente muito bem, ele gosta disso. É um lado que eu vejo que se ele desenvolver mais ele vai conseguir alcançar outras melhoras significativas em aula. (Professora II)

ANEXO 3:

Fotos



Depois de ver o filme Gasparzinho é hora de produzir poema.



Hora da leitura do poema, no livro *Sapato furado*.



Brincadeiras com o bilboquê feito de material reciclado.



Vista da rua lateral do posto.



Entrada do posto.



Riacho da vila.

CURRICULUM VITAE

1.0 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Nome: Cristiane Lumertz Klein Domingues

Sexo: Feminino

Filiação: Adalberto Luís Klein & Rosa Maria Lumertz Klein

Data de nascimento: 27 de Janeiro de 1972

Idade: 35 anos

Naturalidade: Porto Alegre

Nacionalidade: brasileira

Estado civil: casada

Nº de filhos: 02

Endereço: R: Oscar Allen, 216

Bairro: Jardim Planalto

CEP: 91220-420 POA/RS

Telefone: 3347 4590

E-MAIL: crisluked@uol.com.br

2.0 DOCUMENTOS

Título de eleitor: 600.449.804/50 Zona: 158 Seção: 29 POA/RS

Carteira de identidade: 104.764.0873 Órgão expedidor: SSP Data da
emissão: 08/04/1992

CPF: 654151400-34

3.0 FORMAÇÃO ACADÊMICA:

3.1 Graduação

3.1.1 Curso: Pedagogia

Titulação: Orientação Educacional

Instituição: Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras

- FAPA

Localidade: Porto Alegre

Ano de Conclusão: 1993

3.2 Pós-graduação:

3.2.1 Nível: especialização

Curso: Leitura: Teoria e Prática

Instituição: FAPA

Localidade: Porto Alegre

Ano de conclusão: 2004

3.2.2 Nível: mestrado

Curso: Teoria da literatura

Instituição: PUCRS

Localidade: Porto Alegre

Ano de conclusão: Prevista para janeiro de 2008

4.0 CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO:

4.1 Seminário Internacional: As competências para ensinar no século 21-A formação dos professores e o desafio da avaliação, PUCRS, 2001, 16 horas

4.2 Fórum Internacional de educação, Canela, 2003, 40 horas.

4.3 Congresso nacional de educação, Guaíba, 2003, 40 horas.

4.4 VII Congresso da Escola Particular Gaúcha, Porto Alegre, 2003, 20 horas.

4.5 Curso Internacional de Educação de qualidade, Alvorada, 2003, 40 horas.

4.6 VII Congresso da Escola Particular Gaúcha, promovido pelo Sindicato dos Estabelecimentos do Ensino Privado no Estado do Rio Grande do Sul, 2003, 20 horas.

4.7 Seminário Nacional 20 anos sem Josué Guimarães, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, pela Faculdade de Letras, 2006, 16 horas.

5.0 ATIVIDADES PROFISSIONAIS:

5.1 Nome da instituição: Colégio Americano

Endereço: Dona Laura de Oliveira,74

Cidade: Porto Alegre

Vínculo empregatício: Auxiliar de Disciplina de 1ª a 4ª série e Educação Infantil

Data de início: 03 de Agosto/1992 a 8 de Dezembro/1992.

5.2 Nome da instituição: ACM – Zona Norte

Endereço: Rua: Santa Catarina, 105

Cidade : Porto Alegre

Vínculo empregatício: Professora de 1ª a 4ª série

Data de início: 16 de Maio / 1994 a dezembro / 2000.

5.3 Nome da instituição: Instituto Maria Auxiliadora

Endereço: Rua: Mal. José Inácio da Silva, 305

Cidade: Porto Alegre

Vínculo empregatício: Professora de 1ª a 4ª série e Educação Infantil

Data de início: 09 de Fevereiro/2000 dezembro/2005

6.0 PRODUÇÃO CIENTÍFICA:

6.1 Modalidade: Iniciação Científica na PUCRS

Título: Oficinas de leitura no CLIC: a formação de educadores para formar Leitores.

Vinculação institucional atual: Bolsista da CAPES

6.2 Modalidade: Iniciação Científica na PUCRS

Título: Mundo mágico da poesia: potencialidades lingüísticas-alfabetização

Vinculação institucional: Voluntária no ano de 2005.

7.0 PUBLICAÇÃO

Título do trabalho: Reciclando: qualidade de vida

Modalidade: Iniciação Científica-Resumo

Vinculação institucional: Aluna de especialização

Local da publicação: II Fórum da FAPA: IV MIC- Mostra de Iniciação Científica e III MEP-Mostra de Experiências Pedagógicas-Vivenciando Conhecimentos.

Forma: comunicação

Data: 25 de outubro de 2003